

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Elaine Aparecida Santana

*À margem da História:
Mendigos na cidade de
Uberlândia nos anos 90*

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Profª. Dra. Christina da Silva
Roquette Lopreato

**Uberlândia
2002**

1545

59
C

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato



Profa. Dra. Maria Clara Tomaz Machado



Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso

AGRADECIMENTOS

Nesse momento depois dessa caminhada, de longos anos de estudo, agradeço aos meus pais: Raimunda e Elson, a força e o incentivo que me deram para continuar na estrada do conhecimento principalmente nos momentos de maior saudade da família que reside no Norte de Minas. Apesar das dificuldades no primeiro ano de adaptação, vencer a saudade, a solidão e principalmente conseguir um trabalho, sem o carinho de ambos não teria vencido. O meu sincero obrigada com todo amor mãe e pai e os meus queridos irmãos.

Agradeço ao grupo do Chá por fazerem parte do nosso grupo de voluntários. Obrigada meus amigos e amigas, por compartilharmos momentos tão importantes, às vezes difíceis, mas também bons onde os sentimentos muitas vezes calavam nossas palavras enquanto os nossos olhos contemplavam imagens, ações e lições que nos mudariam para o resto de nossas vidas. Não cito os nomes dos membros do grupo para não vir a cometer nenhuma injustiça devido a qualquer relapso da minha parte. Por isso, agradeço a todos com o mesmo carinho.

Minha gratidão a querida amiga de longa data Rosali por sua essencial contribuição para a realização desse trabalho. Que você e sua família sejam muito felizes.

Obrigada Chris, pela orientação e pelo imprescindível auxílio a trilhar esse caminho permeado de conceitos um tanto quanto delicados de se tocar.

Agradeço pela oportunidade de ter conhecido durante o curso pessoas tão especiais como a Cássia, Luciana e Márcia, companheiras fiéis de estudo aos

sábados, domingos, feriados e madrugadas a fora. A presença de vocês somente veio a acrescentar à graduação seriedade, responsabilidade e descontração em longos e divertidos “papos”.

Com especial carinho agradeço ao João, secretário do curso de história; por sua dedicação, atenção, paciência e carinho que sempre deixa transparecer em seu serviço. JB, muito obrigada.

O meu agradecimento se estende a todos os professores do curso (História) que tanto acrescentaram às nossas vidas.

Obrigada Sandro, Beto e Carlinhos pelas observações sobre o trabalho do Chá e a boa vontade que sempre demonstravam quando recorri a vocês. Sandro valeu pela força na digitação e sugestões de autores com discussões tão pertinentes. Obrigado por tê-lo como grande amigo.

Por fim, agradeço, a todas as pessoas que mantivemos contato nas ruas, que tornaram possível, a realização desse trabalho. É com grande saudade e carinho que os tenho em minha lembrança: Luciano, Gaúcho, Gisele, Ubiratã, Barba, Sorriso, Paulo, Jorge, Marcelo, Sr. José, Marlene, General (já falecido), Flávio, Joãozinho (já falecido), Cícero.

ESMOLA
(Samuel Rosa/ Chico Amaral)

*Uma esmola pelo amor de Deus
Uma esmola, meu, por caridade
Uma esmola pro ceguinho, pro menino
Em toda esquina tem gente só pedindo
Uma esmola pro desempregado
Uma esmolinha pro preto pobre
Uma esmola pro que resta do Brasil
Pro mendigo, pro indigente
Ele que pede, eu que dou, ele só pede
O ano é mil novecentos e noventa e tal
Eu tô cansado de dar esmola
Qualquer lugar que eu passe é isso agora
Eu tô cansado, meu bom , de dar esmola
Essa quota miserável da avareza
Se o país não for pra cada um
Pode estar certo
Não vai ser nenhum
Não vai não, não vai não, não vai não
No hospital, no restaurante
No sinal, no Morumbi
No Mário Filho, no Mineirão
Menino me vê, começa logo a pedir
Me dá, me dá, me dá um dinheiro aí!*

(Skank)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO 1	
MENDICÂNCIA:	
CAUSAS E REFLEXOS NO CENTRO URBANO DE UBERLÂNDIA E A CONCEPÇÃO SOCIAL DA PRÁTICA	11
 CAPÍTULO II	
ARQUITETURA DO PODER	
A ASSISTÊNCIA SOCIAL INSTITUCIONALIZADA: O CONTROLE DO DESVIO	52
 CAPÍTULO III	
A CONSCIÊNCIA DO MENDIGO	
A VISÃO DO MENDIGO DE SI E A ATUAÇÃO DO TRABALHO DO CENTRO ESPÍRITA FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE	78
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
 FONTES E BIBLIOGRAFIA	108
 ANEXOS.....	112

Introdução

Desde o ano de 1.999, participo, como voluntária do trabalho do Chá do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade. Assim, se deu o primeiro contato com o tema, ou seja, a partir de uma experiência concreta de vida pude conhecer um pouco mais sobre essas pessoas que sobrevivem nas ruas praticando a mendicância.

A partir dessa convivência percebi que na maioria das vezes, muitas das idéias que temos dos mendigos são pré-concebidas sem um conhecimento concreto da realidade desses indivíduos. Quando fazia qualquer comentário sobre o trabalho do chá para as pessoas, algumas manifestavam o sentimento de piedade para com esses infelizes que sofrem na rua privações do pão ao teto e são carentes principalmente de afeto e atenção. Enquanto outros me questionavam se não sentia medo de ser agredida ou roubada. Ou ainda, porque perdíamos tempo ajudando a vagabundos, viciados e criminosos que estavam naquela vida por causa da preguiça e da cachaça.

Depois que essas pessoas faziam seus comentários um tanto depreciativo, costumava perguntar-lhes se já haviam tido algum contato com os mendigos ou alguma experiência traumática com os mesmos. As respostas geralmente eram negativas e os indivíduos justificam seus discursos através do relato de um ou de outro episódio ocorrido com algum conhecido. Observamos nesses casos (que representam a maioria das opiniões dos indivíduos a cerca dos mendigos) a forte estigmatização social que alia à imagem dos mendigos, valores negativos que os marcam profundamente.

Dessa forma, iniciei minhas observações no campo relacionando-a com as concepções ditadas pela sociedade. E nesse paralelo pude conhecer as falas dos mendigos e as falas da sociedade que reproduz as idéias das classes hegemônicas.

E hoje, como estudante de história aproveito essa experiência do contato com os mendigos para através desse presente trabalho, buscar compreender algumas das relações que mantemos (enquanto indivíduos em sociedade) com os pedintes e principalmente a influência que a nossa postura e concepção exerce sobre esse indivíduo. De que modo os estigmas influenciam para “derrubar por terra”, o equilíbrio psíquico do mendigo.

Uberlândia hoje é uma cidade modelo do desenvolvimento agropecuário, comercial e industrial. Caminha de “vento em poupa” perseguindo o futuro progressista de ser uma metrópole desenvolvimentista como a grande São Paulo. Para tanto, se faz necessário manter a estética dos centros urbanos, erradicar, ou melhor, camuflar a pobreza, os altos índices de criminalidade, violência e a miséria representada pela imagem do mendigo que incomoda a paz social e denuncia as desigualdades.

No primeiro Capítulo tratamos especificamente da prática da mendicância e a concepção (do pedinte e da prática) de uma sociedade estigmatizadora que aponta o mendigo como o indivíduo desviante.

No segundo capítulo “Arquitetura do Poder”, apontamos a relação entre o Estado, as instituições assistenciais e o aparelho repressivo policial colocando em prática, as estratégias disciplinadoras de controle do espaço urbano e principalmente do controle dos mendigos. O que percebemos no discurso de segurança, ordem e progresso é a ideologia das classes dominantes que aspiram antes de tudo assegurar seus interesses econômicos e políticos.

No terceiro capítulo, damos voz aos mendigos e mergulhamos em suas histórias de vida, principalmente no percurso que fizeram para por fim, caírem nas ruas. Vemos em seus relatos, o sentimento de estarem na condição de mendigo. Enfatizamos os objetivos daqueles que estão voluntariamente realizando a assistência aos mendigos através do trabalho do Chá do Centro Espírita Fé e Esperança e Caridade, que seguindo os ensinamentos doutrinários do Espiritismo, realizam um trabalho assistencial levando para os mendigos na rua, chá com pão, roupas e calçados (usados), cobertores e remédios (primeiros socorros), além de orientação e atenção.

Capítulo 1

ICONOGRAFIA URBANA

O COTIDIANO DA POPULAÇÃO DE RUA¹

CUIDAR DA APARÊNCIA



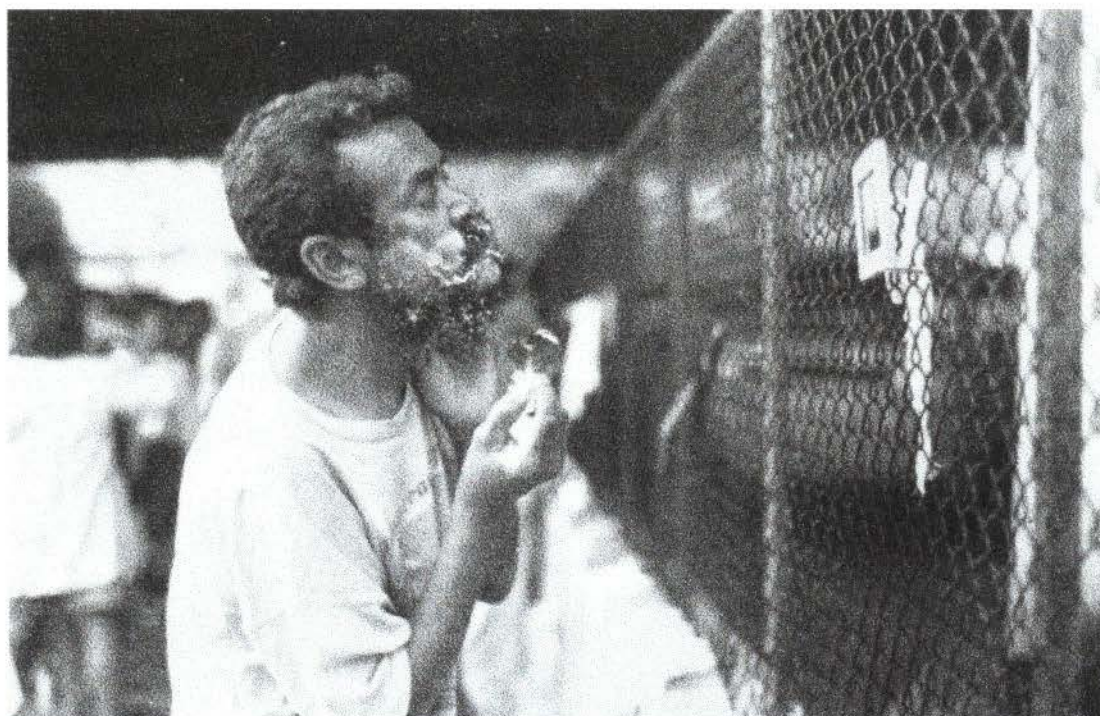
Lavar a roupa. Foto: Gerson Zanini.

¹ O Arsenal de Fotos foi retirado da pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo organizado no livro: População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista.

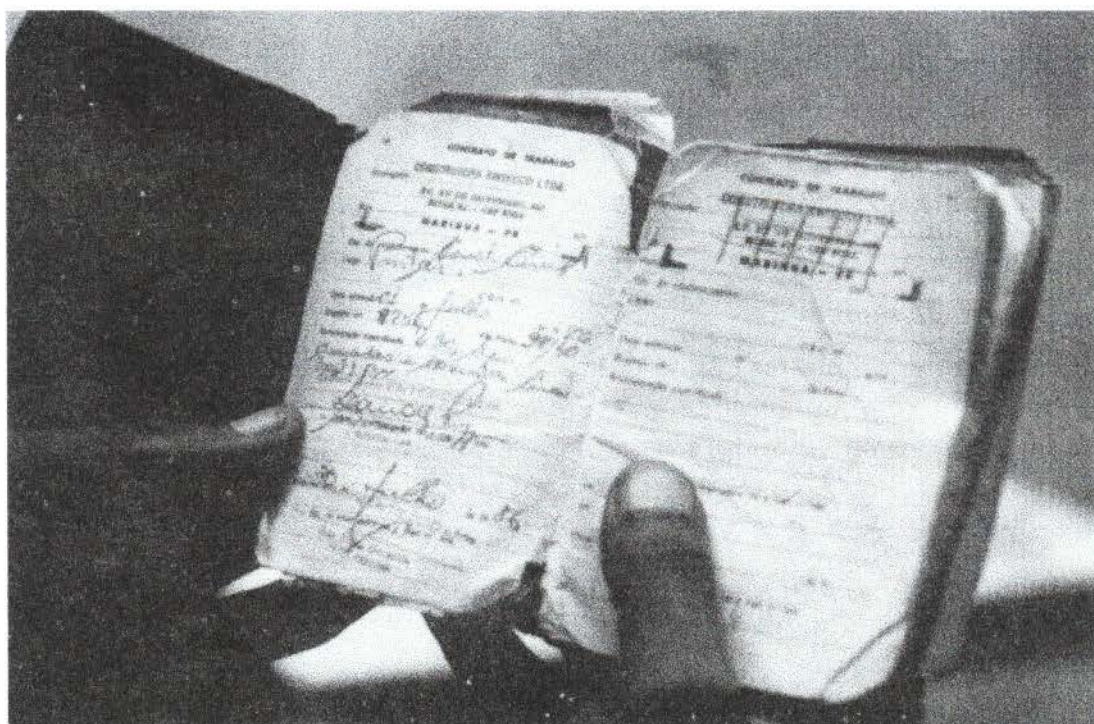


Secar a roupa. Foto: Gerson Zanini.

Fazer a barba. Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.



TRABALHO



Passaporte para uma vida desejada. Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.



Duas maneiras de carregar o papel recolhido na rua. Foto acima: Alderon P. da Costa – CDCM; abaixo: Wolfgang Radtke.





Depósito de materiais
recolhidos.
Foto: Francisco Bernardo
Pinheiro.

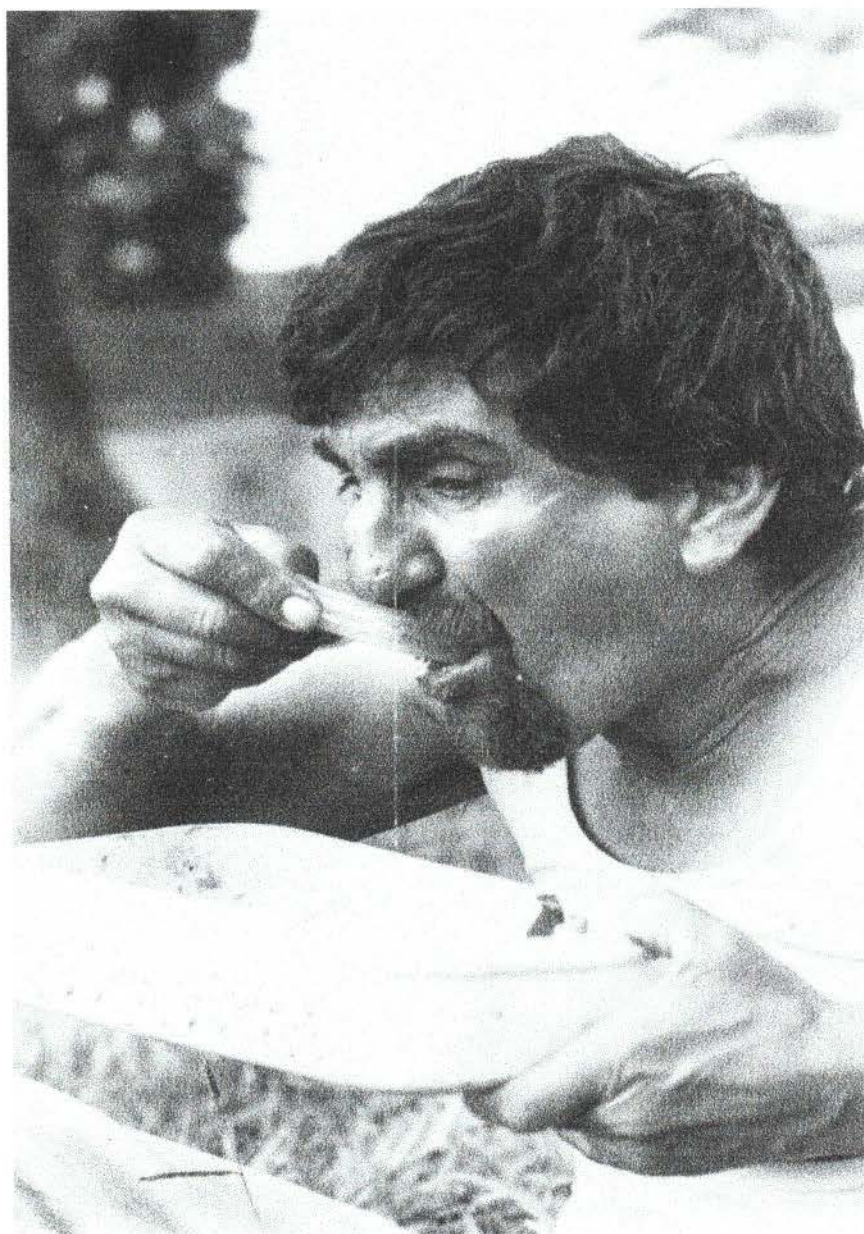


Retomando o trabalho.
As matérias-primas são
objetos abandonados.
Foto: Wolfgang Bradtke.

REFEIÇÃO



Pausa para refeição. Foto: Wolfgang Radtke.



Cascuda. Foto: Alderon P. da Costa. CDCM.



Queima-lata. Foto: Francisco Bernardo Pinheiro.

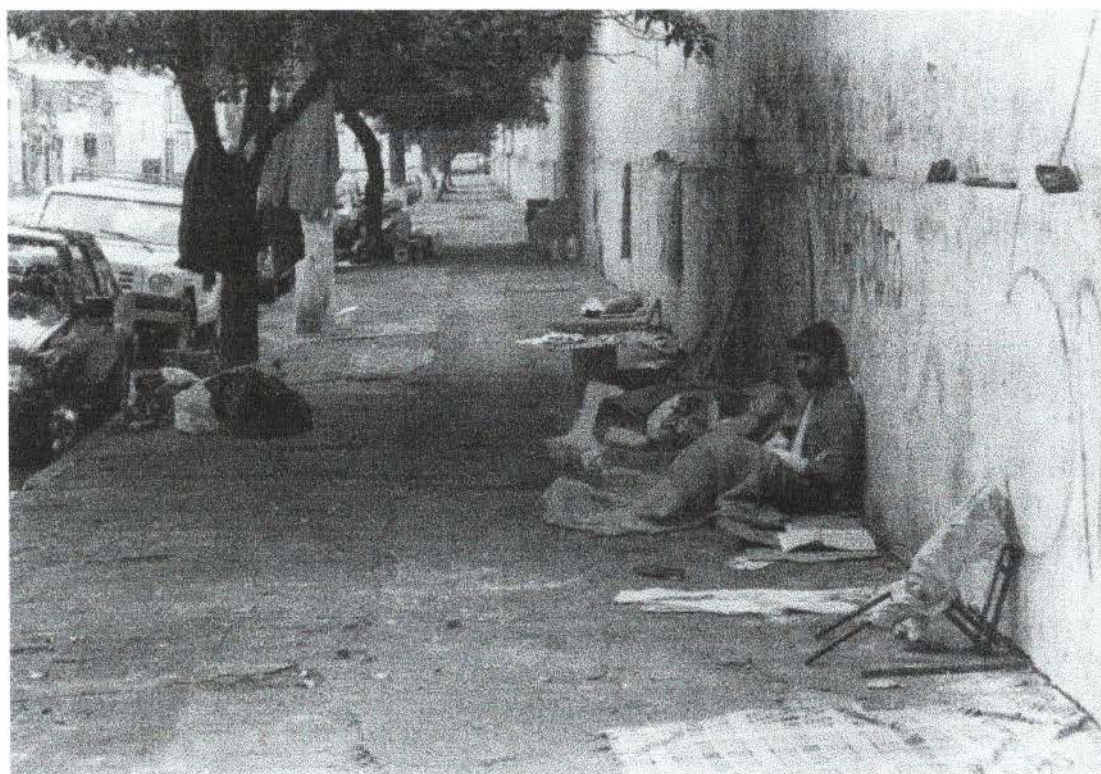
Final de feira. Foto: Alderon P. da Costa - CDCM



MORADIA



Habilitação de uma família. O teto é o viaduto. Fato: Gerson Zanini.

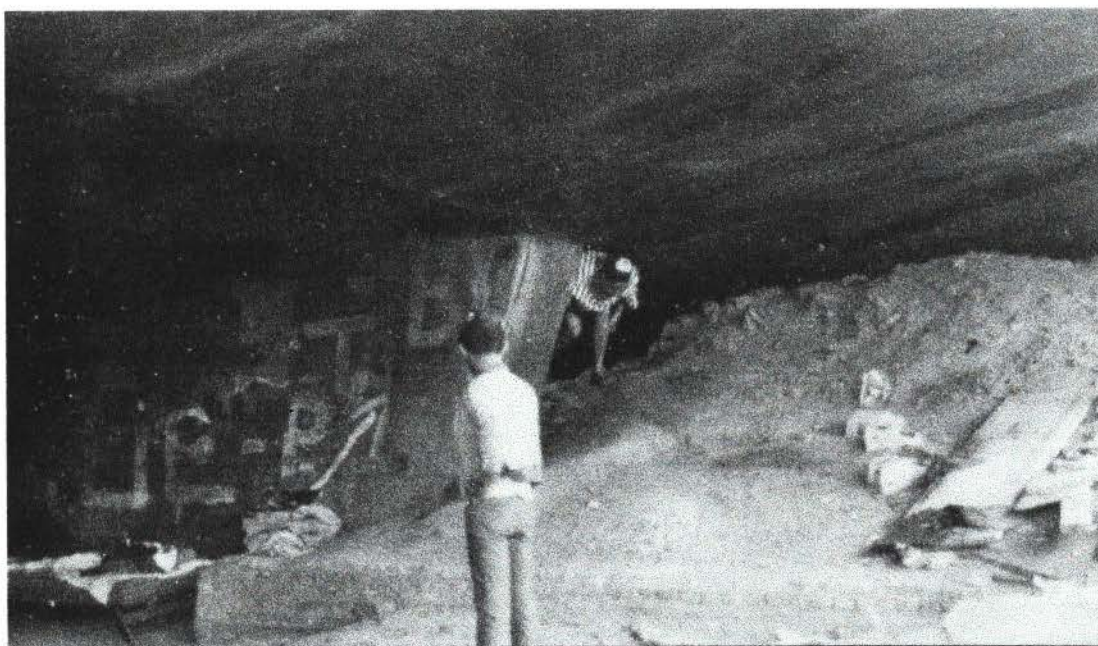


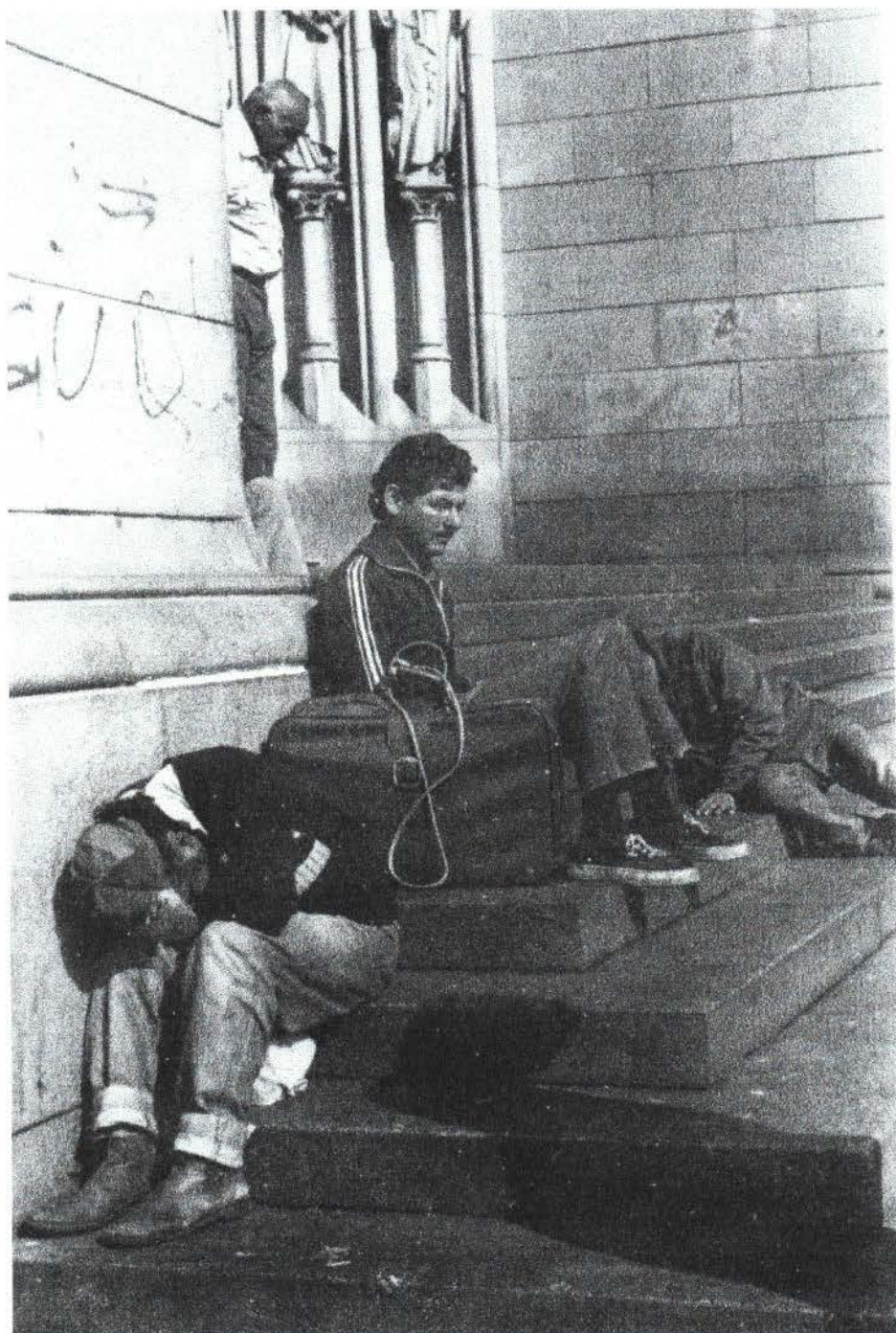
Na rua nem sempre se consegue teto e quatro paredes. Foto: Gerson Zanini



Preparando-se para dormir. Foto: Gerson Zanini.

Mocó, ou loca. Foto: Gerson Zanini.





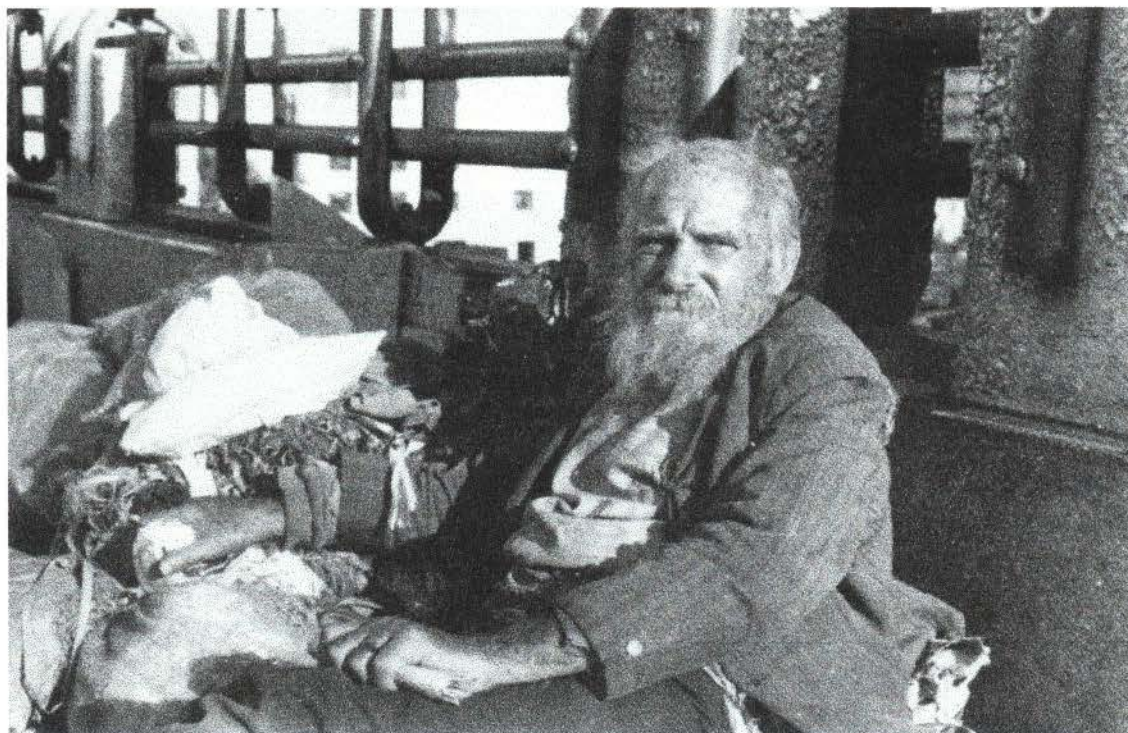
Um espera trabalho, outros não mais. Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.



Esperando... Foto: Alderon
P. da Costa - CDCM



Esperando... Foto: Alderon
P. da Costa - CDCM



(Des) esperando... Foto: Arlindo Pereira Dias

(Des) esperando... Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.





(Des) esperando... Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.

(Des) esperando... Foto: Alderon P. da Costa – CDCM.



AMIZADE

Foto: Alderon P. da Costa - CDCM



Foto: Alderon P. da Costa - CDCM

Foto: Cecília Marton.



1.2 - MENDICÂNCIA:

CAUSAS E REFLEXOS NO CENTRO URBANO DE UBERLÂNDIA E A CONCEPÇÃO SOCIAL DA PRÁTICA

Quando se fala em população de rua, mais precisamente os mendigos, é interessante observar as idéias presentes no imaginário da população: miséria, fome, privações, delinquência, marginalidade, dependência química, loucura, ociosidade, o vadio, o vagabundo, desordem moral, resíduo social.

Se analisarmos atentamente a postura da sociedade para com os pedintes, veremos que a mesma produz e reproduz o discurso da classe hegemônica considerando-o como desocupado, ocioso, de má índole para furtar o produto do esforço do trabalhador; é o indivíduo que permanece na rua mendigando, sem maiores responsabilidades com trabalho, família, horários e as demais convenções sociais. Se por um lado, são vistos como perigo social, por outro, sensibilizam a sociedade com a exposição de sua pobreza extrema, despertando sentimentos de solidariedade para com o “coitado”, o “desvalido”. Assim, muitos de nós ao vê-los nas ruas, ignoramos sua presença, mudamos de calçada muitas vezes até mesmo por medo. Ou ainda, simplesmente acenamos negativamente ao pedido de esmolas ou, rapidamente, damos-lhes algum trocado para escaparmos de tal presença degradante por preconceitos e/ou solidariedade. É comum, os moradores próximos aos pontos de mendicância ou de permanência mais freqüente dos mendigos – as malocas (lugares onde constroem seus barracos ou simplesmente deixam seus pertences para pernoitarem), fazerem queixas junto aos órgãos policiais solicitando a imediata retirada dos mendigos e seus pertences das proximidades de suas residências.

Justificam o protesto, alegando que ficam bêbados e fazem algazarras, além de atacarem os passantes cometendo atos de violência e furtos. Em diversas ocasiões, quando estávamos na rua realizando a pesquisa de campo, era comum alguma pessoa (geralmente, os passantes) questionar a nossa ajuda a vagabundos alcoólatras e que estes, quando aceitavam algum trabalho (que lhes eram oferecidos), nunca permaneciam nos mesmos devido à preguiça e ao álcool. Quanto ao trabalho, o morador de rua dificilmente consegue um emprego fixo. Por falta de endereço fixo, más condições físicas e, na maioria das vezes, pela aparência “desarrumada”, o indivíduo perde a vaga para o trabalho. Junto a isso, aqueles que possuem passagem na polícia estão marcados pelo rótulo de ex-presidiário, o que representa para o empregador a possibilidade de reincidência no crime e, por isso, as portas lhes são fechadas. O álcool e outras drogas mais pesadas são fatores determinantes que lhes dificultam a possibilidade de conseguirem trabalho. É comum, em suas falas, o mendigo justificar o consumo de álcool por estar longe dos familiares, pelo desemprego, pela falta de uma alimentação regular, para aquecer-se no frio, para esquecer momentaneamente que são indivíduos excluídos da sociedade, privados do mínimo necessário para sua sobrevivência. Há, também, os portadores de deficiência física e patologias como o HIV. Se antes, uma das preocupações (em Uberlândia) era retirar da cidade os mendigos leprosos, atualmente, são os dependentes químicos e aidéticos os principais agentes que representam a doença a ser expurgada.

Quando se vive na rua, a mendicância representa o meio mais utilizado para se conseguir alimentos, roupas e principalmente a “dádiva” para suprir suas necessidades básicas. Nesse ponto, é interessante observarmos a utilização das esmolas arrecadas num dia de trabalho (para alguns mendigos consideram a

mendicância como trabalho enquanto outros não). A maioria da população acredita que os mendigos pedem exclusivamente para garantir o consumo da “cachaça”. No entanto, na pesquisa de campo, observamos mulheres com crianças que utilizam a “dádiva” arrecadada para complementação da renda familiar, pagar aluguel, terreno, despesas da casa e, em alguns casos específicos, são obrigadas a irem para as ruas para sustentarem o vício do esposo violento. Há pedintes que mendigam para fins de poupança e acumulação (veremos adiante os tipos de mendigos).

É habitual nas falas dos mendigos o sentimento de vergonha da situação em que se encontram perante a família. Quando são questionados sobre a possibilidade de estarem voltando para a sua cidade e para a família, na maioria das vezes evidenciam que não querem voltar numa situação pior do que quando saíram. Muitos mantêm contato com os familiares omitindo que não possuem trabalho e que estão na rua. Nesse momento, percebe-se a angústia e o sentimento de fracasso dessas pessoas que se encontram em decadência financeira, física, moral e psíquica.

Para a realização da mendicância, utilizam-se pontos urbanos estratégicos, onde o fluxo de passantes é intenso em determinados dias e períodos e períodos. Segundo Stoffels¹.

... ”o mendigo explora pelo aprendizado os recursos disponíveis nos pontos de pedido do território urbano e no fluxo populacional, em particular, formando clientela (doadores flutuantes) ou freguesia (doadores fixos). Controla por outro lado a concorrência de outros pedintes e a interferência no seu trabalho, dos agentes ligados à força repressiva e assistencial. Além da organização deste trabalho de pedido, a ordem do processo de trabalho inclui uma estruturação grupal, ramificando-se em formações diversas ao nível do tecido urbano. Esse é o processo profissional propriamente dito”.

¹ STOFFELS, Marie – Ghislaine. Os Mendigos da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1.977, p.118.

Pontos Estratégicos

Os pontos são de modo geral formados nos seguintes locais:

- Igrejas (portas e escadarias externas);
- Calçadas nas áreas urbanas centrais de comércio e administrativas;
- Praças e esquinas;
- Faróis;
- Pontos de ônibus;
- Feiras de bairros periféricos;
- Portas de edifícios públicos, bares, restaurantes, repartições públicas, casas paroquiais;
- Proximidades da rodoviária;
- Postos de venda de gasolina;
- Bairros residenciais.

Ao passarmos por esses locais na cidade, observamos pedintes em pé ou sentados expondo suas deformidades físicas, receitas médicas, atestados de pobreza solicitando uma ajuda.

Técnicas de Pedido

Os discursos geralmente são apelativos podendo ou não ter sentido religioso. Aqui temos os pedidos mais comuns: “Uma esmola pelo amor de Deus”; “*Uma ajuda pela graça do senhor*”; “*Mocinha, me dá um trocado*”; “*Tia me dá um dinheiro pra compra comida*”. Ao receberem a esmola, os mendigos respondem com um agradecimento afetivo, pois se deseja antes de tudo, conquistar a simpatia de um possível doador fixo: “*Que Deus te dê em dobro*”; “*Deus te pague*”; “*Que a Nossa*

Senhora Aparecida te proteja". Há também, ausência de resposta. Nos bairros residenciais, são comuns os pedidos de alimentos, roupas e dinheiro.

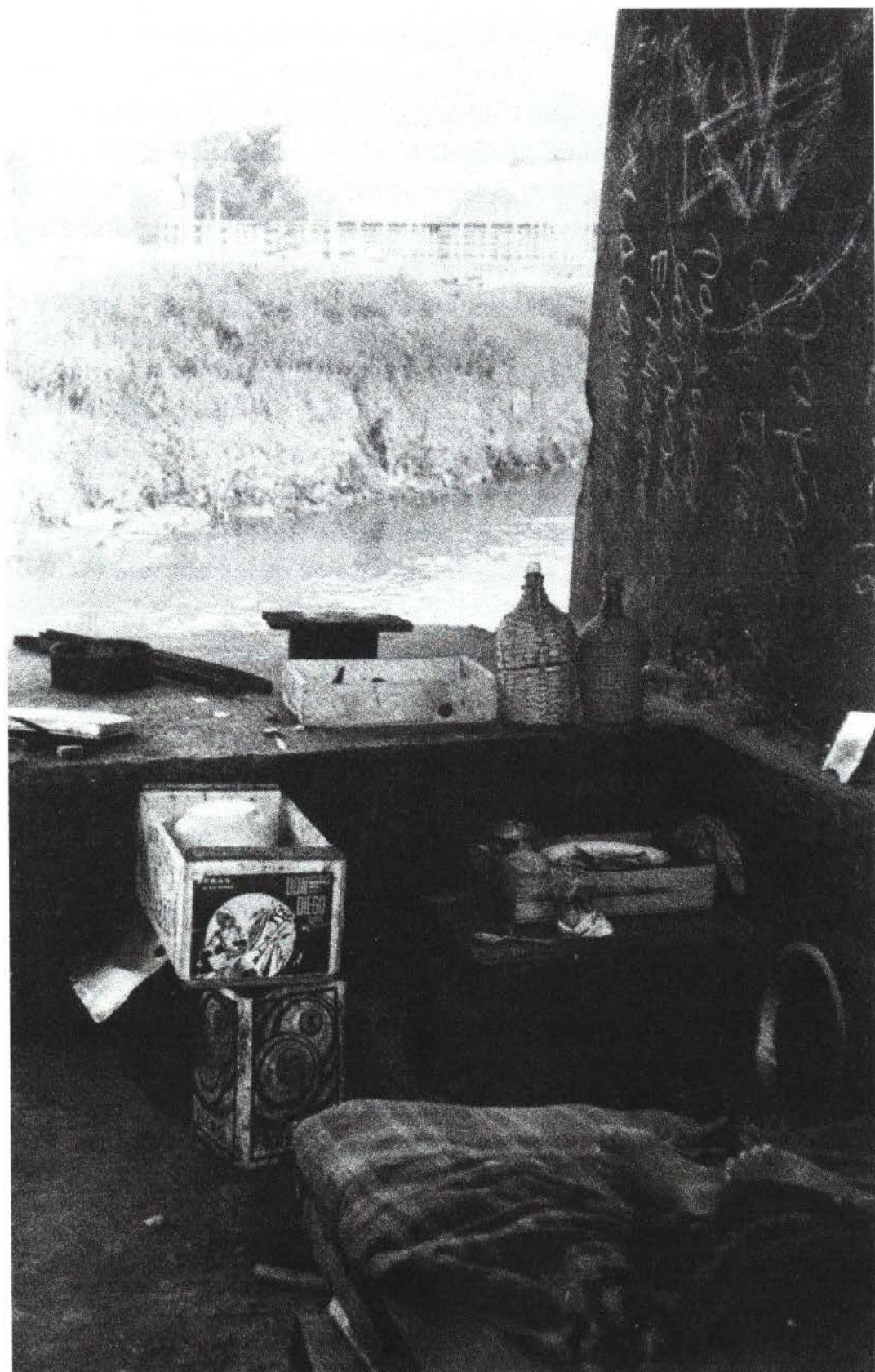
O espaço da rua constitui para os mendigos um território de três modalidades necessárias: moradia, local onde se garante a sobrevivência (local de trabalho) e espaço de relação social. É importante entendermos, que a visão e o sentido que os mendigos possuem da rua é diferenciado da forma como a vemos. Para eles, a rua representa a única, ou melhor, possibilidade de sobrevivência. Ela (a rua) é vista como um espaço de total liberdade, onde tudo ou pelo menos quase tudo é permitido, principalmente aquilo que é proibido e reprimido pela sociedade e pelas instituições assistenciais, criadas especificamente para atender aos moradores de rua. Da porta de casa para a rua, como diz Damatta²

... "aqui (na rua) passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas "autoridades" e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente "subcidadãos" e não é exagero observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo".

Como exemplo, podemos citar a utilização indiscriminada de bebida alcoólica, componente essencial na vida dos mendigos. Podemos também citar a mendicância e a exposição da miséria em público; a violência e furtos, o que também garante sua subsistência (para adquirir alimentos e com maior frequência, bebida, cigarro e drogas mais pesadas).

É possível percebermos nos pontos de pernoite dos mendigos, as malocas (debaixo de viadutos, pontes, anéis viários, coretos de praças e outros), a tentativa de

² DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1.985, p.16.



Fonte: Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo (Org.) População de Rua: Que é, Como vive, Como é vista.

reproduzir, na rua, o espaço da casa. Ali, montam-se barracas ou mesmo no espaço descoberto com camas, objetos de cozinha, fogareiros improvisados em latões, lavação de roupas, adaptando o espaço da melhor forma a proporcionar “algo” próximo de lar. As calçadas são utilizadas como local de trabalho, onde também se come, troca de roupa, conversa com os companheiros de rua numa relação estritamente profissional ou de solidariedade na partilha dos alimentos, na “pitada” do cigarro e na “pinga”. Para os mendigos, a rua é o ambiente caseiro na mesma medida que para nós que não somos mendigo, a casa o é. A casa representa para os indivíduos o espaço privado onde se desenrola as relações pessoais particulares. É onde realizamos atividades corriqueiras e, ao mesmo tempo, íntimas restritas, na maioria das vezes, ao espaço privado da casa. Quando a rua é utilizada como local caseiro, percebe-se o espaço público tomando a dimensão de um privado que é percebido e vivenciado por toda uma multidão de passantes e trabalhadores que se utilizam às ruas. Considerando-a como o local de trabalho, o mendigo compartilha a rua com outros trabalhadores que utiliza o mesmo ponto de grande fluxo de passantes para “ganhar a vida”. São os vendedores ambulantes, camelôs e artistas. São os subempregados ou como aponta Marx³, o lupemproletariado.

De acordo com as observações efetuadas acerca da socialização e os tipos de mendigos, podemos classificá-los a partir de duas referências básicas: o tempo de permanência na rua e o significado e importância do produto da mendicância (a esmola) para o indivíduo. Primeiramente, devemos considerar que há pessoas que ficam ou estão na rua e aqueles que efetivamente são da rua. Todo indivíduo que com frequência pede na rua é um mendigo, porém, nem todo mendigo vive

³ MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. São Paulo: Ed. Abril Cultura, 1.984.

permanentemente na rua. Alguns utilizam o espaço público momentaneamente. De acordo com a pesquisa realizada pela Secretaria Municipal do Bem-Estar Social do estado de São Paulo⁴, seria possível identificar situações diferentes em relação à permanência na rua:

- Ficar na rua – circunstancialmente
- Estar na rua – recentemente
- Ser de rua – permanente

O indivíduo que fica na rua, mesmo que circunstancialmente, está sem dinheiro para pagar uma pensão e não consegue vaga em albergue. São, na sua maioria, desempregados que saem de suas casas devido a conflitos familiares oriundos do próprio desemprego, do alcoolismo e da violência doméstica. Aqui, convém examinarmos, em particular, o significativo valor da família para a sociedade (para o indivíduo da rua) e a desestruturação da instituição familiar que vem ocorrendo nos dias atuais.

Quando no trabalho de campo questionamos sobre a família dos mendigos e a possibilidade de retorno às mesmas, notamos semelhanças na maioria das falas: *...“não quero que eles (família) fica sabendo que to na rua. Di vez in quando telefono pra eles e digo que ta tudo bem. Eles não sabe que to na rua, eles acha que to trabaiaando” (Daniel, 30 anos)*⁵.

...“Saí de casa pra arruma trabalho e ajuda minha família. Tenho dois filhos pequeno. Faiz mais de três ano que to no mundo. Eles não sabe que fico na rua. As vez quero telefona pra eles mas não

⁴ Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo. (Org.) População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista. Ed. Hucitec, São Paulo, 1994, p. 94.

⁵ Entrevista gravada em fita K7 no dia 08/10/2000, com pedinte nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

tenho corage. Não quero volta pio que quando saí de lá, sem roupa, sem dinheiro, desse jeito que a senhora ta vendo". (Abel - 42 anos)⁶

... "Faiz mais de seis ano que saí de casa pra arruma trabaio. Meus fio já ta tudo grande. É praque to na cachaça que não do conta de vorta. Magina, vorta do jeito que to eu num vorto". (Jairo, 42 anos)⁷

... "Já faiz muitos ano que saí de casa e caí no mundo. Premero perdi o trabaio e fiquei sem trabaiá. Dispois a cachaça e minha muié foi embora. É teve muita briga praque da cachaça. É, eu saí de casa praque ela separo, praque das briga. Quere até que eu queria vorta né, é que do jeito que to é difici". (Mateus, 48 anos)⁸

Aqui, percebemos as dificuldades, depois que se "cai" na rua, para estar voltando para a família e para a sociedade. Os estigmas e, principalmente o alcoolismo são barreiras quase intransponíveis para se retornar ao lar.

Analisando o significado sociológico⁹ da família, temos:

"Em torno do núcleo, a organização da família assume as feições mais variadas. Mas em todas as sociedades humanas existe um padrão cultural que regulariza as relações entre conjugues, entre pais ou filhos e os demais membros das famílias, parentes ou não... Na grande maioria dos casos, a família desempenha funções educativas no sentido de transmitir considerável parte da cultura social à nova geração".

Assim, observamos que a noção de família define-se em torno de propósitos morais, pedagógicos e reguladores, a medida que é na família que os indivíduos

⁶ Entrevista... com pedinte na praça Nicolau Ferez.

⁷ Entrevista... no dia 12/11/00 nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

⁸ Entrevista... no dia 28/11/00 com pedinte no ponto de camelôs próximo à Rodoviária Castelo Branco.

⁹ Dicionário de Sociologia, Editora Globo, Porto Alegre, 1.977 7ª edição p. 128-129.

protagonizam os papéis centrais na organização social, ou seja, o pai provedor e a mãe/dona-de-casa que educa aos filhos. No padrão ideal de família, segundo Sarti¹⁰.

“Este padrão ideal pressupõe o papel masculino de prover o teto e alimento, do qual se orgulham os homens: o dever do homem é trabalhar, trazer o dinheiro em casa e ser um pai para dar respeito na casa dele... tendo moral. Assim, para constituir a “boa” autoridade, digna da obediência que lhe corresponde, não basta ao homem pegar e botar comida dentro de casa e falar que manda. Para mandar tem que ter caráter, moral. Assim, o homem, quando bebe, perde a moral dentro da casa”.

O desemprego, nas classes pobres, na maioria das vezes, está intimamente ligado ao alcoolismo que, por ventura, é inerente à violência doméstica. Sabemos que tal processo não representa um encadeamento generalizado, no entanto representa um processo específico comum nas experiências do conjunto de mendigos com os quais mantivemos contato. As razões que levaram os indivíduos a saírem de casa estão estreitamente ligados a conflitos familiares que, por sua vez, é desencadeado pelo desemprego, dificuldades financeiras, o alcoolismo e a violência doméstica. Assim, ainda de acordo com Sarti¹¹.

“A vulnerabilidade da família pobre, quando centrada no pai/provedor, ajuda a explicar a frequência de rupturas conjugais, diante de tantas expectativas não cumpridas, para o homem, que se sente fracassado, e para a mulher, que vê rolar por água a baixo suas chances de ter alguma coisa através do projeto do casamento”.

¹⁰ SARTI, Cynthia Andersen. A Família Como Espelho: Um Estudo Sobre a Moral dos Pobres. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1996, p. 42.

¹¹ SARTI, Cynthia Andersen. Op. Cit., p. 45.

Diante de tudo isso, podemos considerar a família como terreno fértil de ação ideológica. Como bem ressaltou Kaloustian¹². *“Na sociedade, também a família é o agente mais importante no processo de internalização e aprendizagem, pois o marco para a definição e conservação das diferenças humanas, dando forma aos papéis básicos”*.

No espaço de convivência familiar, os indivíduos reproduzem ações ditadas pela sociedade global, cada um no seu lugar desempenhando o papel que lhe cabe, garantindo e sustentando o sistema de idéias das classes hegemônicas. É possível vermos essa afirmação em Chauí¹³.

“Assim, por exemplo, na ideologia burguesa, a família não é entendida como uma relação social que assume formas, funções e sentidos diferentes tanto em decorrência das condições históricas quanto em decorrência da situação de cada classe social na sociedade. Pelo contrário, a família é representada como sendo sempre a mesma (no tempo e para todas as classes), e, portanto, como uma realidade natural (biológica), sagrada (desejada e abençoada por Deus), eterna (sempre existiu e sempre existirá), moral (a vida boa, pura normal, respeitada) e pedagógica (nela se aprende as regras da verdadeira convivência entre os homens, com o amor dos pais pelos filhos, com respeito e temor dos filhos pelos pais, com o amor fraterno). Estamos, pois diante da realidade histórica da família”.

A partir do momento que o indivíduo sai de casa e rompe com a família, ele está rompendo não somente com os membros familiares, mas com uma gama de valores sociais solidificados e impostos. Caindo no mundo da rua, ele mergulha profundamente em outros valores estigmatizadores que o apontam não somente como o fracassado, porém, o próprio fracasso. Realizar o caminho de volta significa

¹² KALOUSTIAN, Sílvio Monoug. (Org). Família Brasileira, a base de tudo. Brasília, DF: UNICEF, 1997, p.79

¹³ CHAUI, Marilena de Souza. O Quê é Ideologia. SP: Brasiliense, 1.981 4ª ed., p. 88.

uma grande luta contra os estigmas, o vício da bebida e das drogas mais pesadas, sair do desemprego e adaptar-se novamente às regras e normas que estão presentes nas esferas (política, econômica, social, cultural, etc.) que permeiam a vida do indivíduo. Enquanto o mendigo não consegue voltar para o lar e família, este permanece na rua utilizando o espaço público e as possibilidades que este oferece para trabalhar e habitar.

Nas pessoas que ficam na rua, mesmo que circunstancialmente, percebemos o desânimo, a “baixa” moral. Sentem-se fracassados e sem estímulo para prosseguirem na tentativa de conseguir trabalho. Como já foram mencionadas anteriormente, essas pessoas estão desempregadas realizando pequenos “bicos” (trabalho temporário) e recorrendo às instituições assistenciais. Como aponta a pesquisa da Secretaria Social de São Paulo¹⁴.

...“essas pessoas que se encontram nessa situação sentem-se desvalorizadas e demonstram medo de dormir na rua devido a presença de mendigos vadios. Procuram incansavelmente por emprego ou bicos para pagar uma pensão. Rejeitam violentamente a identificação com os moradores de rua, procurando distanciar-se deles”.

Quando não dormem em abrigos, pagam pensões quando conseguem algum dinheiro (através de bicos) ou dormem na rua em locais públicos longe das malocas. Esta postura de não identificação está presente em algumas falas dos entrevistados:

“Olha moça, você tá me vendo assim na rua mais eu tenho casa e família. Agora eu tô desempregado e eu fico na rua pra bebê pinga

¹⁴ Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo. (Org.) População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista. op. cit., p. 94.

com esses companheiro. Eles é mendigo de rua maisi eu não. Eu to só passando uns tempo, né". (Getúlio, 36 anos)¹⁵

Apesar do sentimento de desânimo e das dificuldades enfrentadas na rua, esses indivíduos não perdem a esperança de conseguir trabalho, reconciliar-se com os familiares e voltar para o lar. Da mesma forma que rejeitam identificar-se com os mendigos, tendem a manter um contato mínimo com o mundo da rua.

Questionado sobre a ausência de um companheiro, um entrevistado afirma:

... "num sei não moça, as veiz um pastô da igreja busca ele e leva pra uma fazenda pra larga de bebê e fumá. Ele quis mi levá maisi eu não fui. Outras veiz, ele vai prum lugar que dá sopa, ropa e corta cabelo maisi eu num preciso disso não é que eu tenho casa". (Sr. Juscelino, 35 anos)¹⁶.

Dessa forma, segundo as observações das entrevistas, podemos dizer que a maior preocupação do indivíduo que se encontra na rua é não se identificar com aquele que é da rua. A negação do estereótipo de mendigo representa a negação de todos os estigmas referentes aos moradores de rua. A partir do momento que o indivíduo nega a manter contato com outros mendigos ou nega a freqüentar os lugares específicos para amparar essa camada social, ele reafirma para si, que apesar de estar na rua, não é um mendigo. Ele tenta manter em si todos os valores que permeiam a sociedade que nos os diferencia e separa dos mendigos.

Os indivíduos que estão na rua recentemente são também desempregados que não conseguem inserir-se novamente no mercado de trabalho devido a vários fatores

¹⁵ Entrevista gravada em fita k7 no dia 11/02/01 com pedinte nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

¹⁶ Entrevista gravada ... no dia 11/02/01 com pedinte nas proximidades da praça Nicolau Feraz.

como a idade avançada, problemas físicos e alcoolismo (causas mais comuns).

Ainda, segundo a pesquisa da Secretaria Social de São Paulo¹⁷.

“Estar na rua expressa a situação daqueles que, desalentados, adotam a rua como local de pernoite e já não a consideram tão ameaçadora. Começam a estabelecer relações com pessoas da rua e conhecer novas alternativas de sobrevivência. Procuram emprego ou fazem bicos. Podem conseguir trabalho em outras cidades ou estado, aliciados por empreiteiros. Quando conseguem obter algum dinheiro, procuram pensões ou vagas em albergues. Começam a freqüentar lugares de distribuição de comida gratuita e instituições assistenciais. Tenta se diferenciar dos moradores de rua apresentando-se como trabalhadores desempregados”.

Diante disso, percebemos as diferenças entre os indivíduos que ficam nas ruas circunstancialmente e aqueles que estão nas ruas recentemente. O que os diferenciam é o menor e/ou maior grau de inserção na rua; é o envolvimento com os mendigos; freqüentar as casas assistenciais, dormir em locais que outros mendigos dormem; inserir-se cada vez mais no mundo da rua, conhecer as alternativas que a rua possibilita para garantir a sobrevivência. Assim, notamos que o indivíduo começa a romper com os valores da sociedade. Ele encontra-se psiquicamente mais afastado da família e da sociedade do que aquele que fica na rua. Vemos o processo tornando mais sólida a relação do indivíduo com o mundo da rua em detrimento de um maior distanciamento da família e da sociedade.

No entanto, para quem fica na rua e tenta manter os laços que os liga à sociedade, considerando-se numa situação provisória, tende a distanciar-se cada vez mais da mesma frente ao constante desemprego. Pernoitar na rua torna-se uma constante. Novas relações e novos hábitos começam também a ser incorporados aumentando o grau de inserção do indivíduo com o espaço público da rua. Em

¹⁷ Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo. (Org.) População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista. op. cit., p. 94.

constante busca de trabalho, muitos desses indivíduos saem para outras cidades, seguindo o calendário de colheitas de grãos, frutas, verduras, corte de cana-de-açúcar, carvoeiras; da região e do restante do país. Quem se aventura pelo país em busca de trabalho, viaja de ônibus, carona e até mesmo percorre parte do caminho a pé. Esses são os andarilhos que se encontram de passagem pela cidade ou ainda, dependendo das condições que a cidade ofereça para trabalho e moradia, até mesmo fixar residência. Quando o indivíduo se torna andarilho, os laços de aproximação espacial com a família são rompidos totalmente e este está cada vez mais inserido no mundo da rua. Fazem pequenos bicos, mendigam, procuram por vagas em albergues e também dormem na rua. Os andarilhos são os migrantes que saem de todo o território nacional em busca de oportunidades de trabalho, assim como os nordestinos, os indivíduos mais citados e relacionados à migração.

O fenômeno da migração em si representa um fator de separação entre os membros familiares e o rompimento com toda uma rede de valores próprios, sociais, e a própria identidade com os elementos culturais da terra natal. Segundo Pegoraro¹⁸.

... “No processo da migração, ocorre para esse povo o rompimento de mundo, cujo sistema de codificação lhe é estranho e mesmo incompreensível [...] o movimento da migração envolve, ainda, a quebra dos valores morais religiosos e familiares dos trabalhadores, que se vêem numa situação em que seus laços familiares são rompidos e suas famílias dispersadas”.

Nem todo migrante pode ser considerado como andarilho, porém todo andarilho é um migrante e, dependendo de sua condição econômica e social, é um mendigo que denominarei de mendigo-andarilho. Como já foi mencionado

¹⁸ PEGORARO, José. Migração: Fato político. In: Migrantes: Êxodo Forçado; São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, Edições Paulinas, 1.980, p.97.

anteriormente, o primeiro momento de ruptura para o migrante é a saída de sua terra natal, quebrando valores que sempre permearam sua existência. O andarilho-mendigo tem essa ruptura quando sai de casa para a rua por motivos diversos. Atualmente, quando o migrante desembarca na rodoviária da cidade onde está depositada sua esperança de trabalho, assim como com o mendigo-andarilho, logo é recolhido pelos agentes do órgão de assistência ao migrante no caso da cidade de Uberlândia, pelo SAM (Seção de Atendimento ao Migrante) e enviado para outra cidade adiante. Isso significa que ele não é bem vindo. Um dos principais fatores que explicam o fato de atualmente, os migrantes serem indesejados é a falta de capacitação profissional. Socialmente, são estigmatizados como fracassados, nordestinos preguiçosos, mão-de-obra barata e, portanto, explorada, lançados no pauperismo, na miséria e por fim, na rua. Nas grandes metrópoles como São Paulo, seu trabalho é mendigar, catar papelão e latinha. Sua casa é debaixo dos viadutos, anéis viários, pontes e praças ou “exportado” para outra cidade para limpá-la desses migrantes-mendigos e manter a estética da cidade.

Assim, o migrante que não dá certo na cidade grande porque não consegue trabalho, não tem casa, come em instituições que oferece comida gratuita e dorme em albergues ou na rua. A partir desse momento, o migrante que saiu de sua terra natal à procura de trabalho e melhores condições de vida tornam-se mendigo. É claro que nem todo migrante tornou-se mendigo; muitos conseguiram trabalho, constituíram família, trouxeram as suas de suas cidades de origem ou se estabilizaram com a família quando juntos, migraram para a cidade grande. Por outro lado, famílias inteiras estão nas ruas mendigando. Alguns desses mendigos possuem a expectativa de acumular capital e voltar para sua terra de origem e montar algum negócio

próprio. De acordo com essa entrevista presente em Stoffels¹⁹. *“Fico pedindo, porque quero ganhar vinte milhões. Ai, eu poderia sair de casa, voltar pro Norte e montar um negócio lá com meu pai [...] Trabalhar por conta própria, sim”*.

É interessante encontrarmos no trabalho de campo um grande número de pessoas que estão realizando o caminho inverso ao êxodo rural. O migrante que se tornou mendigo, só ou com sua família torna-se andarilho viajando como pode em busca de cidades que ofereçam uma melhor condição de vida ou voltar para a terra natal.

Entre os indivíduos que ficam na rua circunstancialmente e aqueles que estão na rua recentemente, o desejo de conseguir trabalho, voltar ao lugar de origem, para a família ou constituir uma, é comum a todos e até possível que aconteça. Porém, quanto maior o tempo e o grau de inserção na rua, mais difícil se torna o retorno tanto à cidade de origem, à família como para a sociedade.

O indivíduo que é da rua saiu de casa há muito tempo e mantém quase ou nenhum contato com os familiares. Realizam algum bico de vez em quando, mas devido às péssimas condições físicas (sujos, maltrapilhos e doentes), ao alcoolismo e aos estigmas sociais (marginais, criminosos, fracassados), as possibilidades de conseguir pelo menos o bico são mínimas. Procuram as instituições assistenciais em busca de alimentos, roupas, higienização e para pernoitar. Na maioria das vezes, dormem nas ruas (calçadas, malocas em baixo de pontes, viadutos e anéis viários, marquises, praças e outros), cometem pequenos furtos e mendigam em determinados dias e períodos em vários pontos espalhados pela cidade.

¹⁹ STOFFELS, Marie – Ghislaine. Op. Cit., p. 183.

Relacionado especificamente à prática da mendicância, à socialização entre mendigos e a importância do produto da mendicância para o indivíduo, analisaremos os tipos de mendigos utilizando-se as categorias segundo Stoffels²⁰: *o mendigo ocasional, o mendigo profissional e o mendigo vadio*.

Os mendigos ocasionais alternam ao trabalho informal, a mendicância para complementação de renda. Na maioria das vezes, prestam serviço na construção civil como pedreiros ou ajudantes; carregamento de cargas e outros bicos eventuais. Outro tipo é o mendigo que inversamente mantém a mendicância como a principal forma de subsistência e quando surgem os bicos, estes são como fonte complementar para sua subsistência. Porém, como já foi mencionado, é muito difícil conseguir bico. No trabalho de campo, acompanhamos a trajetória de um senhor (durante um ano e seis meses) de mais ou menos sessenta anos chamado pelos demais mendigos de Gaúcho (devido a sua procedência do sul do país). O Pedro era um mendigo alcoólatra, que apresentava problemas de saúde em uma das pernas devido à diversas quedas que sofreu quando se encontrava embriagado e problemas cardíacos e respiratórios devido ao fumo e também à bebida. Por diversos fatores, sendo os principais, o vício, a falta de saúde e a vergonha dos familiares (fortemente marcado pelos estigmas sociais), não conseguia sair da rua. Estava sempre bêbado sentado ou deitado em calçadas nas proximidades da rodoviária da cidade de Uberlândia. Frequentemente, ele era ajudado pelo proprietário de um estacionamento nas proximidades da rodoviária, podendo esse tomar banho e dormir no local. Somente quando ele se encontrava muito embriagado, não lhe era permitido ficar no estacionamento. Após um tempo sem consumir álcool, Gaúcho tornou-se o vigia e porteiro do

²⁰ STOFFELS, Marie – Ghislaine. op. cit., p. 135-136.

estacionamento. Durante esse período (em torno de três semanas) sem beber, lhe encontramos limpo, sóbrio e satisfeito repetindo muito mais para si mesmo que para nós, que não voltaria a beber. Na quarta semana, o encontramos bêbado na calçada sem alimentar-se, maltrapilho e sem trabalho. Em algumas ocasiões, ele se encontrava internado por dificuldades cardíacas devido ao grande consumo de álcool. Presenciamos a ocorrência dessa mesma trajetória durante quase todo o tempo da pesquisa, ou seja, o proprietário da garagem por simpatia e afinidade, sempre lhe oferecia uma oportunidade, mas ele não conseguia vencer o vício. Como ainda mantinha uma certa proximidade tanto com os companheiros mendigos que ficavam nas calçadas próximas à garagem como com a rua, ele sempre voltava à mendicância. Segundo uma de suas falas:

... “óia minha fia, eu queria pará de bebê, pega firme nesse trabaio. Eu queria muito vortá pra minha terra, pra minha família, parar com a cachaça mas na verdade eu gosto da rua, dos companheiro e acho que num consigo mais saí dessa vida e vortá”. (Pedro, mais ou menos 60 anos)²¹

Quase no fim da pesquisa, chegamos no local onde era comum encontrá-lo e fomos informados que ele havia retornado ao sul para a casa de seus irmãos. Antes, várias vezes os familiares tentaram leva-lo de volta para casa, mas ele fugia, escondia-se ou se recusava a voltar. Para algumas pessoas (passantes freqüentes), o senhor Gaúcho era considerado como um mendigo vadio (forte imposição de estigma). No entanto, como ele trabalhava em determinados períodos e dormia na garagem podemos considerá-lo como mendigo ocasional de rua que, apesar de ter rompido com todos os laços familiares e sociais a ponto de apresentar o desejo

²¹ Entrevista gravada em fita K7 no dia 18/03/01 com pedinte nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

ambíguo de sair da rua e ficar, por gostar da rua, ele representa um caso particular de um morador de rua que voltou para a família.

Os mendigos profissionais são aqueles que pedem para garantir sua sobrevivência suprindo suas necessidades básicas e ainda aqueles que pedem para fins de poupança. Nessa categoria, é na prática da mendicância que fazem uso de métodos e de práticas estratégicas dominados pelos mendigos. Estes controlam a venda e a compra dos melhores pontos; mantém, ou pelo menos tentam manter, um bom relacionamento com os agentes repressores, o que representa uma determinada segurança e proteção frente à polícia; possuem experiência de fuga quando os agentes policiais dão “batida” (ação de retirar e recolher os pedintes das ruas); conseguem e mantém o maior número de doadores fixos (possuem uma clientela de doadores freqüentes) e devido à idade e/ou à defeitos físicos, sabem que não conseguiriam trabalho e nas ruas, sua renda é na maioria das vezes, superior a renda de um trabalhador comum. Os mendigos profissionais consideram a mendicância como trabalho e um meio de vida. Segundo Stoffels²².

“A mendicância profissional deve ser entendida numa relação de compra e venda de um serviço específico produzido a nível ideológico; no quadro de uma estruturação peculiar da atividade, o mendigo, ao produzir a dádiva, vende os valores ideológicos de afirmação da ordem e boa consciência inerentes ao dom, valores que o cliente (“doador”) compra com a esmola”.

É interessante observarmos a flexibilidade da utilização do arsenal ideológico da classe hegemônica. Chauí²³ diz que não faz sentido a existência de uma ideologia da verdade ou das classes dominadas. Mas, como o fenômeno é dinâmico baseado

²² STOFFELS, Marie – Ghislaine. Op. Cit., p. 117.

nas relações sociais, podemos perceber que o mendigo profissional utiliza os estigmas impostos pela mesma ideologia dominante para produzir a dádiva, ou seja, o cliente (doador) paga com a esmola ou a dádiva, pela afirmação e confirmação dos valores ideológicos, os estigmas.

Os mendigos vadios são vistos pela sociedade como vagabundos, malandros, criminosos, a escória social que se aproveita da solidariedade da população para lhes tirar proveito. São alcoólatras, toxicônomos que furtam e cometem pequenos crimes contra a sociedade, são os resíduos sociais e a camada perigosa. São aqueles vivem nas malocas (os maloqueiros) e que entre sair ou permanecer na rua preferem ficar na rua devido ao comodismo, à preguiça, à falta de responsabilidade. Ainda de acordo com a visão da sociedade, permanecem porque são vadios, malandros e preferem viverem mendigando ao trabalho, cometendo furtos e ameaçando a sociedade.

Tal concepção evidencia tendências estigmatizadoras que apontam o mendigo como o indivíduo desviante²³, aquele que não está inserido na dinâmica do sistema global, sustentado por normas e regras baseadas em valores norteadores e alienantes.

Aqui, apresentam-se resquícios da ideologia²⁴ dominante que através das mais variadas estratégias políticas, econômicas, social, cultural, psíquica; garante a lógica

²³ O indivíduo desviante é aquele que quebra as normas e as regras. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os mendigos, etc. São essas as pessoas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade (GOFFMAN E. Estigma).

²⁴ Aqui cito o termo Ideologia considerando o brilhante estudo de Marilena Chauí em “O Que é Ideologia” quando a autora afirma: *“ideologia passa a significar também o conjunto de idéias de uma época, tanto como opinião geral quanto no sentido de elaboração teórica dos pensamentos dessa época”*. Ou ainda: *“... a ideologia é um fato social justamente porque é produzido pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar... são idéias produzidas por formas históricas determinadas pelas relações sociais”*. Na obra da mesma autora “Cultura e Democracia-o discurso competente e outras falas”, Chauí diz que: *“...as universalizações das idéias valem para o coletivo. A ideologia tem por função ocultar a dominação, os interesses de uma camada social através da universalização das idéias. Ela faz com que as idéias (as*

do sistema produtivo e justifica as disparidades sociais a ponto de alguns terem tanto e outros literalmente (considerando os mendigos), não possuírem nada ou pelo menos o mínimo que lhes garanta a sobrevivência.

Assim, conforme Stoffels²⁵, para a ideologia dominante

...Quem é indivíduo que polui a ordem moral?

Primeiro, aquele que não se submete ao imperativo categórico do trabalho e não é, assim economicamente útil. Segundo, aquele que não é suporte da produtividade. Na fronteira dos dois espaços está o trabalho, com afirmação das instâncias ideológicas (a ordem), jurídico-política (a instituição) e econômica (a produtividade).

No entanto, não está presente na concepção da classe dominante que esse indivíduo Presente na concepção da classe dominante que esse indivíduo que não produz é o mesmo excluído socialmente, ou seja, é aquele que por se encontrar desempregado e sem oportunidades de reintegração no mercado de trabalho, tem a

representações sobre o homem, a nação, o saber, o poder, o progresso, etc) expliquem as relações sociais e políticas, tornando impossível perceber que tais idéias só são explicáveis pela própria forma da sociedade e da política". E, "O discurso competente é aquele que pode ser ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado".

A ideologia remete às idéias e representações oriundas dos interesses da classe dominante. Tais idéias são universalizadas para o coletivo e elevadas à essencialidade o que permite ocultar a dominação, os interesses e as origens do discurso competente. Considerando nosso presente contexto, delineado pelo sistema produtivo capitalista, podemos afirmar que a ideologia que permeia a atualidade tem por base as lutas de classe e a separação entre trabalho (produção material) e os pensamentos, ou seja, o sistema de idéias, representações, normas e regras juntamente com seus teóricos, os ideólogos e os intelectuais. A representação dos mendigos como fracassados sociais e classe periculosa ganha a legitimação da sociedade global (aqui, considero como sociedade global: a sociedade civil, a assistência social, o aparelho repressor policial e o Estado) a partir do momento que eu, nós e o coletivo apontamos o mendigo como o fracassado ou quando mudamos de calçada por um medo que acreditamos ser algo natural, próprio da essência do homem ou talvez seja o nosso "sexto sentido" nos avisando que aquele indivíduo vai nos atacar ou ainda (re) afirmamos a ideologia, quando lhes damos uns trocados como esmola para o mendigo. Como as idéias dominantes que se convertem em ações para o coletivo são inerentes às relações sociais, nem sequer percebemos que tais idéias camuflam as verdadeiras razões das condições degradantes do mendigo. Somos meramente massa alienada porque "dançamos de acordo com a música"..

²⁵ STOFFELS, Marie – Ghislaine. op. cit., p. 91-92.

sua condição de sobrevivência representada por privações, abandono e a rápida “caída” na rua. De acordo com sposati²⁶ o significado da exclusão social:

... “é a impossibilidade de poder partilhar da sociedade e leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão, inclusive com violência de uma parcela significativa da população. Trata-se de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública. É, portanto, um processo múltiplo que se explica por várias situações de privação da autonomia, do desenvolvimento humano, da qualidade de vida, da equidade e da igualdade.”

Quem está na rua, sobrevive numa situação limite de pobreza onde a exclusão social é absoluta. E esses indivíduos que são apontados como a “entrave” do desenvolvimento uma vez que não produzem são os mesmos que por estarem fora do padrão político-econômico e socialmente “correto”, só lhes resta a indigência socorrida pela caridade alheia.

²⁶ SPOSATI, Aldaíza: Mapa da Exclusão / Inclusão Social da Cidade de São Paulo. P.13.

Capítulo 2

2 - ARQUITETURA DO PODER

A Assistência Social Institucionalizada: O controle do Desvio

Classificado como indivíduo desviante, o mendigo, na concepção da classe hegemônica apresenta-o como sendo aquele incapaz de produzir, não contribuindo para o desenvolvimento da nação, além de entravar o progresso, representa o perigo social, pois quebra a “ordem” de uma sociedade ordenada. Adentrando no campo da ideologia, essas idéias são universalizadas fazendo parte do imaginário da população. Numa sociedade estigmatizadora, em que os indivíduos perseguem os modelos ditados e universalizados como o ideal, os desvios mais visíveis como os mendigos são apontados como o fim daqueles que não são prósperos; daqueles que vivem na ociosidade. Este é o destino dos indivíduos que não se enquadram no sistema de produção capitalista, restando-lhes a exclusão, a marginalização, o desprovido quase total do alimento, do vestir, do “teto” e a perda progressiva da própria identidade. E para assegurar a disseminação dessas idéias norteadoras e manter os indivíduos estigmatizados no seu devido lugar, encontramos a eficaz participação do Estado, que numa estreita relação com as instituições assistenciais e o aparelho repressivo policial, legitimam as idéias e ações direcionadas à sociedade e, principalmente, aos mendigos, os indivíduos desviantes.

Diante disso, creio ser necessário realizarmos uma pequena reflexão a cerca da concepção que temos de Estado, uma vez que buscaremos apreender o tratamento dominante conferido à mendicância e, portanto, ao mendigo, através de ações do poder público governamental. O conceito sociológico²⁷ nos apresenta o Estado como:

²⁷ Dicionário de Sociologia, Editora Globo, Porto Alegre, 1.977 7ª edição p. 118.

“... uma instituição social destinada e equipada para manter a organização política de um povo. O objetivo ou finalidade do Estado é o bem público ou o bem comum; um dos objetivos essenciais que o Estado possui é de assegurar a ordem, quer interna quer externa. Internamente, prevenindo e reprimindo as atividades nocivas ao próprio Estado ou aos indivíduos entre si”.

É interessante atermos que Estado também é utilizado para denominar o povo politicamente organizado. Nesse sentido, Estado é sinônimo de Nação. Como representante oficial da nação, ele (o Estado) é o maior responsável pela ordem, o progresso e a segurança da nação. No imaginário da população, o Estado é o órgão que possui “poderes” (atribuído pelo povo) para promover e assegurar o bem-estar da sociedade e do cidadão. O bem-estar representa condições dignas de vida, ou seja, alimentação adequada, saúde, educação, habitação e lazer. E essas condições essenciais para a existência do homem, na moderna sociedade capitalista, são possibilitadas através do trabalho remunerado. Para a população, é dever do Estado proporcionar as condições necessárias para que o indivíduo exerça seu papel de cidadão como contribuinte para o desenvolvimento da nação, pagando os impostos que deverão retornar ao povo através dos benefícios que representam as condições necessárias; e principalmente, o Estado cumprindo o seu papel político e social. Cabe também ao Estado, direcionar suas ações para aqueles que estão perdidos nas ruas, na mendicância, na miséria extrema proporcionando para a população de rua, oportunidades para uma vida digna. Essa pequena reflexão acerca do papel do Estado no imaginário da população nos leva a analisar a postura da sociedade diante do órgão governamental, isto é, a população delega poderes ao Estado, para que este promova, da melhor forma possível, o bem-estar da mesma. Dessa forma, a

sociedade “assina em baixo” e acaba por aceitar o discurso político sobre sociedade ordenada e progressista, assim como as estratégias disciplinares “necessárias” para alcançar os objetivos políticos que interessam às classes hegemônicas em especial, no caso em estudo, da classe empresarial de Uberlândia.

E será, através das instituições assistenciais, com o auxílio de instituições religiosas e privadas e do órgão policial, que o Estado cumprirá seu dever de mantenedor da ordem, retirando os mendigos das ruas e lhes proporcionando as condições necessárias, ou seja, o bem-estar da camada mais empobrecida da sociedade. Esse é, entre outros, o papel do Estado que deve ter como tarefa principal, propiciar “o bem comum do público”. E o que é necessário para proporcionar, assegurar e manter o bem-público? Não podemos deixar de enfatizar que também é função do Estado buscar recursos, através de investimentos materiais, para possibilitar o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade, enfim, o bem-estar para a população. Em contrapartida, faz parte da política da cidade de Uberlândia que, para proporcionar e manter o desenvolvimento se faz necessário a disciplinarização do espaço urbano e da população, ou melhor, a disciplinarização da camada empobrecida da população. E como estamos tratando da mendicância especificamente na cidade de Uberlândia, devemos considerar o discurso de “Ordem e Progresso” que permeia o imaginário da população e, principalmente, o da elite uberlandense que, por sua vez, acaba sendo o mesmo discurso dos políticos do Triângulo Mineiro. O mendigo compromete a estética da cidade com sua imagem degradante, importuna e, às vezes coloca em risco a vida dos cidadãos. Incomoda a paz e transgride os bons costumes da sociedade com seus vícios e promiscuidades, colocando em evidência o desemprego, a pobreza, as desigualdades e, acima de tudo,

afasta possíveis recursos, instalações fabris e o status de ser a cidade cujo nome já carrega em si, o significado de “terra fértil”, cidade pólo do desenvolvimento agropecuário do Triângulo Mineiro. Antes da boa intenção de “dar a mão provedora”, está em jogo: assegurar o desenvolvimento econômico para o progresso da cidade, e principalmente, das classes hegemônicas; a segurança e a ordem da cidade e do povo uberlandense. Nesse discurso, percebemos nitidamente a universalização das idéias das classes dominantes tomando espaço e se perpetuando como os interesses do povo.

Para melhor compreendermos a trajetória desenvolvimentista da cidade de Uberlândia, devemos considerar sua favorável posição geográfica e as forças políticas situadas na cidade empenhadas em atrair recursos para o pleno desenvolvimento comercial, industrial e agropecuário da cidade. Conforme Reis²⁸.

“Uberlândia, desde aproximadamente 1.910, tornou-se o principal entreposto comercial do Triângulo Mineiro. De 1.888 a 1.998 (110 anos) sua população passou de 14.000 habitantes para quase 500.000, de mais ou menos 120 estabelecimentos comerciais e industriais passou a ter 16.043 empresas”.

E ainda de acordo com Machado²⁹.

“ Tal fenômeno deve-se à sua favorável posição geográfica, à habilidade de suas forças políticas locais que, através de estreitas relações junto ao governo federal conseguiram angariar investimentos que concretizaram seu projeto desenvolvimentista. Na década de 50, Uberlândia foi catalisadora da maior parte da produção agrícola de bens e capital regional, foi este o impulso que necessariamente a colocou no circuito do mercado nacional, garantindo a acumulação e a reprodução do capital instalado. A construção de Brasília, a partir da segunda metade dos anos 50

²⁸ Reis, Eliane Campos. *Apenas de Passagem: O Migrante sob a Mira das Práticas Assistenciais do Albergue Noturno Ramarís, Uberlândia 1.965/1.980. Defesa de Monografia / UFU, 2000.*

²⁹ MACHADO, Maria Clara T. *A Disciplinorização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980).* Dissertação de Mestrado/USP, 1990.

fará da região, ponto obrigatório de entrecruzamento do Sul, Norte e Nordeste com o Centro-Oeste do país”.

Como já foi mencionado anteriormente, podemos aliar ao fenômeno de desenvolvimento da cidade, o discurso progressista presente no cenário político que eleva a cidade de Uberlândia a nível nacional e internacional como o modelo de desenvolvimento econômico, social e cultural, que preserva os bons costumes morais, baixa taxa de desemprego e analfabetismo insignificante, índice de violência abaixo do considerado preocupante, com instituições assistenciais eficazes no atendimento aos menos afortunados. Um verdadeiro conto de fadas, que atrai o migrante das zonas rurais das regiões próximas do Triângulo, do nordeste brasileiro e do fenômeno contrário do êxodo rural, ou seja, o retorno de migrantes das grandes metrópoles, principalmente o eixo Rio/São Paulo. São os andarilhos-mendigos que viajam a procura de oportunidades de trabalho em cidades emergentes como Uberlândia, numa última tentativa antes de retornarem para as suas cidades de origem. Podemos ver este discurso na reportagem da revista **Veja**³⁰, com o título “Quero ser ela: O sonho nos arredores da Br-153 é um dia virar a rica Uberlândia”.

... “Rica, poderosa e fútil. Desfila com roupas extravagantes, celular a tiracolo e não perde a chance de dar um pulinho no shopping center. Se a sociedade de Uberlândia fosse uma mulher teria todas essas características. E mais uma: Seria muito invejada. Sim, se o anterior dos arredores da Br-153 tivesse de eleger a capital, sem dúvida seria Uberlândia. É a cidade dos sonhos de quem vive nas redondezas. Cinema, teatro, museu, quem liga para isso? Melhor ir ao clube ou fazer umas comprinhas no shopping novo da cidade. À noite, a programação gira em torno dos bares e boates. Uma animação só. É assim que a cidade gosta de se divertir e faz por merecer esse lazer. Trabalha duro na agricultura, na indústria e no comércio. É o maior centro atacadista-distribuidor de produtos industrializados da América Latina. E esbanja dados de qualidade de vida muito semelhantes aos do Primeiro Mundo. A

³⁰ Revista Veja, Quero ser ela: O sonho nos arredores da Br – 153 é um dia virar a rica Uberlândia. São Paulo: Ano 33, número 1, 05/01/2000, p.84.

cidade foi considerada modelo para a América Latina pelo Banco Mundial. 'Respiramos Negócios', diz Edson César Zanatta, Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Turismo."

A 80 km da Transbrasiliana, Uberlândia é o elo entre os grandes centros urbanos e o interior do país. Concilia em seu dia-a-dia características desses dois pólos. Tem 500.000 habitantes, mas os produtos de sua economia chegam a 50 milhões de consumidores em todo o país. A cidade apresenta números surpreendentes. A taxa de analfabetismo é de apenas 4% e a mortalidade infantil é um quarto da média brasileira. Tem universidades e centros de formação profissional de alto nível. O desemprego é quase inexistente. Para complementar, a logística é excelente, o que atrai mais investimentos. Com tudo isso, Uberlândia pode rir gostosamente de quem estranha seu estilo de vida".

Mesmo com um certo tom de sátira, percebe-se a exaltação à Uberlândia como o exemplo de cidade perfeita e o arrojamento em articulações políticas e econômicas. Outra reportagem que segue a mesma linha é a do jornal **Correio de Uberlândia**³¹, com o título "Uberlândia, 110 anos: uma história de amor, trabalho e vocação para o progresso":

... "não há dúvidas de que a história de Uberlândia é uma história de amor e trabalho. O trabalho está nas ruas, na insistência com que o comércio, a indústria, o setor de serviços e a agropecuária insistem em ignorar a palavra crise... O amor está no orgulho com que este povo se diz uberlandense".

Mesmo no contexto de crise econômica e social, que o Brasil atravessou na década de 70, gerando um crescente empobrecimento dos trabalhadores e o aumento do desemprego e do contingente de subempregados, além do arrocho salarial, da inflação e de concentração da renda, observamos, de acordo com Aparecida Darc

³¹ Jornal Correia de Uberlândia, 31/08/1998, Uberlândia, 110 anos – Uma história de amor, trabalho e vocação para o progresso, p.02. In. Reis, Eliane Campos. Apenas... Defesa de Monografia / UFU, 2000.

Souza³². *“Nesse mesmo período, entre os anos 60 e 80, Uberlândia viveu um significativo crescimento econômico e populacional marcado por um alto custo social, como o foi também nas grandes cidades”...*

E junto a isso, temos um significativo aumento da violência e crimes acompanhando o crescimento da população de pobres que vivem nas favelas, desempregados recorrendo aos “bicos”, ao alcoolismo, ao tráfico de drogas, caindo nas ruas como mendigos juntamente com seus filhos, os “trombadinhas”, “menores delinquentes”, cheiradores de esmalte e solventes para depois passarem ao crack. E o papel do grande pai gerenciador, o Estado, seria acolher seus filhos necessitados, mas a prioridade está em manter a ordem e a segurança; incentivar o desenvolvimento econômico, social e cultural, manter a imagem perfeita da cidade modelo mesmo que para isso, seja necessário a utilização de estratégias de disciplinarização do espaço urbano e da população. Caminha junto ao progresso, uma sociedade ordenada, disciplinada, regulada e vigiada. Em Uberlândia, podemos perceber o processo de disciplinarização através da criação de códigos de postura com o objetivo de garantir a ordem, a segurança social e o desenvolvimento. Segundo Machado³³.

“O código de posturas de uma cidade contém as normas reguladoras que tornam possível ao poder público garantir o processo de ordenamento do espaço urbano. Assumindo a forma de policiamento administrativo, esse código de leis, elaborado pela Câmara Municipal, prescreve não só a respeito do uso do solo urbano, da higiene e saúde pública, das diversas formas de serviços públicos, como também coíbe o comportamento social através de regras que garantam a ordem e a segurança pública”.

³² SOUZA, Aparecida Darc. Capitães do Asfalto: Infância e Adolescência pobres na cidade de Uberlândia (1985 – 95). Dissertação de Mestrado. p. 45.

³³ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 48

Nesse sentido, observamos a ação do Estado governamental para garantir o controle sobre o espaço urbano e a utilização do mesmo pela população. Através da legislação, institui-se um sistema de normas e regras que ditam para a sociedade, o comportamento ideal que esta deve seguir e manter. Junto aos códigos de postura, vemos a política higienista que de acordo com Cardoso³⁴. *“O discurso burguês em defesa da desodorização do espaço urbano ressaltava a importância da eliminação dos miasmas e dos germes para a saúde do trabalhador”*.

Ainda conforme a autora

“A política higienista significaria a modernização da cidade, com seus efeitos positivos sobre os corpos dos indivíduos. A imposição, através de mecanismos disciplinares, dos códigos de conduta se justificaria na ‘cientificidade’ e ‘neutralidade’ de um conhecimento inacessível ao trabalho”³⁵.

Assim, podemos dizer que a política higienista e os códigos de postura estavam presentes nos projetos políticos com o discurso positivo de promover o bem-estar do trabalhador e da população, assim como proporcionar o desenvolvimento da cidade, através da modernização. No entanto, inerente ao discurso, percebemos a disciplinarização do espaço urbano e o controle sobre o indivíduo tanto na esfera pública como na privada. Assim,

...“o que poderia ter significado a melhoria das condições de vida dos pobres se fosse expressão de reivindicações coletivas na busca da socialização da riqueza, se mostrou altamente autoritária controlando o ambiente de trabalho e de vida. De uma certa forma, retrata a vontade unilateral do Estado capitalista e da empresa capitalista na busca de uma sociedade de trabalho disciplinada.

³⁴ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Indústria e Urbanização (São Paulo): Final do século XIX e início do século XX. In: História & Perspectivas, Uberlândia (11) : Jul/Dez. 1994. p. 207

³⁵ Ibid. p. 207.

Retrata, também, a legislação do direito do capital de interferir nos espaços privados, mesmo que para isso fosse necessário a força policial, reforçando a hierarquia que caracteriza as relações capitalistas. Dentro dessa política, tentamos mostrar como os códigos sanitários constituíram elementos importantes para a compreensão do projeto político de higienização do espaço urbano³⁶.

Relacionado aos códigos de postura da cidade de Uberlândia, de acordo com Machado³⁷

“Os dois primeiros códigos de postura (1.903 e o de 1.912) regulamentaram o cotidiano da sociedade uberlandense até 1.950...a disciplinarização do social objetivando a ordem pública, ou seja, a ordem burguesa. A batalha moral contra os costumes e a cultura popular se evidencia nas leis que reprimiam o jogo, a mendicância, a prostituição, o roubo”...

A mendicância é considerada uma prática censurada, como anti-trabalho que deve ser amplamente controlada. Através de leis reguladoras, é possível institucionalizar a prática da mendicância, garantindo dessa forma o controle sobre exposição da miséria, que se torna cada vez mais visível nas ruas da cidade de Uberlândia. Os atestados de pobreza evidenciavam um possível controle sobre os mendigos e a prática da mendicância. E é isso o que observamos no código de postura de 1.913 no trecho do texto de Machado³⁸.

Art. 558 – É proibido tirar esmolas dentro do município, com subscrições ou sem elas, sem atestados de pobreza com o visto da autoridade policial.

³⁶ Ibid., p. 206

³⁷ Ibid., p. 48

³⁸ Ibid., p. 51-52.

§ 1 – Os mendigos serão matriculados na repartição policial e deverão trazer consigo, visível ao lado esquerdo do peito, a chapa correspondente ao número de matrícula, a qual lhes será fornecida pela câmara:

§ 2 – Aqueles que angariarem donativos ou esmolas em benefícios de associações, obras ou festejos civis ou religiosos, deverão estar devidamente munidos de autorização dos representantes legais das respectivas corporações.

No código de postura de 1.950, observamos a permanência do controle e da regulamentação da mendicância. Como já foi mencionado anteriormente, junto ao desenvolvimento progressivo da cidade cresce até em maior escala, a criminalidade, a pobreza e conseqüentemente, vemos uma incidência de grande fluxo de pedintes nas ruas. É interessante observarmos como afirma Machado³⁹ “*que o código de postura de 1.950 estava fundamentado no código penal brasileiro de 1.940, revisto e válido até a década de 1.980, que, nas leis de contravenção penal, assegura a repressão à vadiagem e a mendicância de forma explícita*”:

Art. 60 – Mendigar, por ociosidade ou cupidez:

Pena: prisão simples, de 15 dias a três meses.

Parágrafo único: Aumenta-se a pena de um sexto a um terço, se a contravenção é praticada:

A – de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento;

B – mediante simulação de moléstias ou deformidade;

C – em companhia de alienado ou de menor de 18 anos.

Nos artigos impressos no código de postura direcionados especificamente à mendicância temos

³⁹ Ibid., p. 52-53.

SEÇÃO II

Da Mendicância

Art. 76 – Só será tolerada a mendicância até que esteja satisfatoriamente resolvido o problema de assistência social no município.

Art. 77 – Será considerado mendigo o indivíduo que comprovadamente necessitar de esmolas, por não dispor de recurso algum, não poder ganhar a vida pelo trabalho e não ter parentes, com obrigação de prestar-lhe alimentos nos termos da lei.

Art. 78 – Nenhum indivíduo poderá pedir esmola sem apresentar o cartão de identidade fornecido gratuitamente, pela prefeitura ou autoridade policial, aos que forem inscritos em livro próprio na municipalidade ou delegacia de polícia.

Parágrafo único - Não estão compreendidos na proibição desse artigo as pessoas que esmolarem para casas de caridade, ou instituição de beneficência.

Art. 79 – Só será feita a inscrição de mendigos naturais do município ou que nele tenha residência há mais de dois anos.

Art. 80 – Será encaminhado à autoridade policial todo o indivíduo encontrado a mendigar sem estar inscrito pela forma indicada nos artigos anteriores.

Parágrafo único – Considerado mendigo, será devidamente inscrito salvo se não natural do município ou neste não residir há mais de dois anos, hipótese essa em que será reconduzido à sede do município de sua naturalidade onde haja procedido⁴⁰.

⁴⁰ Ibid.; p. 54-55

Dessa forma, percebemos, a disciplinarização do espaço urbano e, principalmente, o controle sobre o mendigo que implora a caridade aos passantes. Somente é tolerado o mendigo “nativo” ou pelo menos que residem há mais de dois anos na cidade (cada cidade que cuide do seu pobre). Os migrantes que são recolhidos nas ruas são encaminhados para pernoitarem no albergue para em seguida serem “despachados” para uma cidade adiante. Na realidade, a legislação da prática da mendicância representa o controle sobre a exposição da miséria no espaço público que se contrapõe ao discurso de cidade modelo de desenvolvimento capitalista. Percebemos, inseridos no planejamento urbano governamental, os interesses da classe dominante, ou seja, apresentar para o cenário nacional e internacional a imagem de cidade modelo pólo do desenvolvimento industrial, comercial e agropecuário.

O tratamento dominante dispensado ao mendigo e, portanto, à mendicância através de ações do legislativo e institucional, apresenta estreita relação com os sistemas repressivos e assistenciais. Segundo Stoffels⁴¹

... “na antiguidade greco-romana, as organizações de caridade são essencialmente destinadas a um grupo privilegiado (eleitores), além das esporádicas distribuições públicas de mantimentos, visando a garantia da paz social ...; Os recursos caritativos aparecem principalmente na Idade Média, com a ideologia cristã e sua concepção de amparo ao pobre (ser sagrado). A esmola é incentivada, e os recursos concretizam-se sob a forma de várias casas de recolhimento ...; Surge, no século XIV, uma mudança no tratamento do fenômeno. O Statute of Labourers, na Inglaterra, considera pela primeira vez a vadiagem como um delito...; Surgem no século XVI as primeiras tentativas de estruturação e organização oficial da assistência. Institui-se a caridade legal com o recolhimento de taxas obrigatórias; ordenanças de 1.551 e 1.556 obrigam os cidadãos a pagar um imposto para financiar a

⁴¹ STOFFELS, Marie – Ghislaine. Op. cit., p. 84 a 86.

assistência pública, intimamente ligado à repressão.; Generaliza-se no século XVII a instituição dos hospitais gerais dominadas pelo princípio da assistência pelo trabalho..; no século XIX, a assistência prossegue pelo trabalho permanecendo as oficinas de caridade. A legislação social restitui ao vagabundo e mendigo um caráter de indivíduo normal; estimulado e amparado especificamente pela instituição assistencial ou pelas oficinas de caridade institucionalizadas“.

Essa pequena reflexão sobre a trajetória do fenômeno da mendicância na Europa na antiguidade, idade média e nos séculos anteriores (séc. XIV ao XIX) nos aponta um movimento histórico cujas transformações acerca do tratamento do mendigo atendem aos interesses das classes hegemônicas. Primeiro, a ideologia cristã que identifica o mendigo como o ser místico e sagrado. Nesse período, observamos a postura das instituições religiosas com um discurso permeado de solidariedade e caridade para com aqueles que nada tem, “dar esmola é dever do bom cristão”, é necessário dividir o pão com os irmãos mais necessitados. Na maior parte das vezes, ainda percebemos tal discurso permeando e direcionando as ações das instituições religiosas, grandes prestadoras de serviços assistenciais para os mendigos. No entanto, pouco a pouco vemos a institucionalização da caridade com o discurso de amparar ao indivíduo de forma mais eficaz, mas que traz, no seu bojo, os interesses de disciplinarizar o espaço público, controlando a prática da mendicância e, conseqüentemente, as ações dos mendigos.

Na cidade de Uberlândia, a solução para a questão da mendicância encontra-se como afirma Machado⁴².

... “em ‘estratégias disciplinares’ de caráter jurídico-político que na maioria das vezes, esteve e está a cargo do poder público, do poder

⁴² MACHADO, Maria Clara T. op. cit., p. 104

judiciário, dos representantes das classes empresariais, através da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB) e das autoridades policiais e no assistencialismo, quase sempre de iniciativa particular, envolvendo entidades de caráter religioso e clubes de serviço”.

Portanto, vemos através dos códigos de postura, o início de um movimento legislativo aliado à polícia assistencial, a institucionalização da caridade.

“Como exemplo disso, já em 1.915, identificamos na cidade de Uberlândia um acordo selado entre autoridades municipal e policial... para que só mendigos providos das chapas fornecidas pela Câmara Municipal pudessem implorar a caridade pública, às quartas-feiras e aos sábados”⁴³.

A partir desse momento, temos um maior controle da mendicância e de seus atores, os mendigos, restringindo o exercício da caridade através das instituições assistenciais. Assim, lança-se para a população a idéia de que a “Esmola não alimenta, vicia. Não dê esmola”. Se o cidadão quer fazer caridade e ajudar de verdade, contribua com a instituição, órgão especialmente pensado e criado para atender a população carente. Essa é uma, das diversas estratégias políticas para controlar a prática da mendicância e, segundo o discurso presente, para conter a proliferação de mendigos, indivíduos que, na maior parte das vezes, implora pela “dádiva” para adquirir o álcool e as drogas mais pesadas. Atualmente, vemos como proposta política da Secretaria de Ação Social de Uberlândia, as mesmas estratégias presentes no discurso político da cidade, no início do século passado.

E juntos, o Estado, as instituições assistenciais e o aparelho repressivo policial, direcionarão suas ações para controlar a mendicância através de leis,

⁴³ MACHADO, Maria Clara T. op. cit., p. 104

instituições públicas produtoras de assistência e serviços sociais e a ação policial que recolhe e encaminha os mendigos aos órgãos competentes (delegacias, abrigos, centro comunitários), utilizando-se, na maioria das vezes de violência arbitrária.

Temos, na cidade de Uberlândia, uma grande quantidade de entidades (ver quadro), principalmente de cunho religioso, que prestam assistência aos mendigos. De acordo com a Secretaria Social de São Paulo⁴⁴, a assistência é entendida como:

⁴⁴Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo. (Org.) População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista. 1994, p. 94.



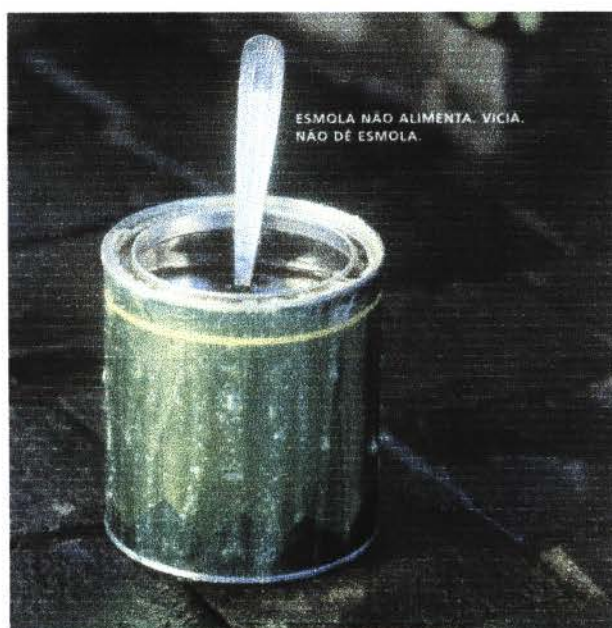
Você pode nem perceber mas, ao dar esmolas, você pode estar mais atrapalhando que ajudando.

É com o dinheiro da esmola que muitas crianças compram drogas. E é justamente por isso que a Prefeitura de Uberlândia apoia a iniciativa de destinar recursos para o Fundo Municipal da Criança e Adolescente, que realiza programas e projetos nas áreas sociais, como abrigos, creches e centros de formação.

Melhor que dar esmola é contribuir para o fundo, doando qualquer quantia. Porque esmola não alimenta, vicia.

DOAÇÕES PARA A CONTA Nº 73011-4, AGÊNCIA 2591-7, BANCO DO BRASIL, EM NOME DA FMDCAU.

Desenvolvimento Social



Fonte: Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

“... forma de fornecimento de bens e serviços à população deles excluída, em decorrência da organização econômico-política da sociedade...na perspectiva do exercício efetivo da cidadania, o que implica espaços de reconhecimento da cidadania e sua organização ao nível da sociedade civil”. (Batistone, 1.989)

Diante da crescente demanda da população carente do mínimo necessário que lhes garanta a sobrevivência, a intervenção do Estado tem-se revelado incapaz de solucionar o problema da miséria e controlar os “portadores da miséria”. Assim, as instituições assistenciais acabam ocupando um importante espaço social e político.

“Elas fazem parte da rede de mecanismos reguladores da exclusão social e, como tal, como instrumentos de políticas sociais, estruturam-se em função de categorias especiais de clientela, que variam segundo o contexto econômico, social e político”. (Faleiros)⁴⁵

Dessa forma, as instituições assistenciais tornam-se instrumentos reguladores, mediadores da exclusão social, isto é, mediadores entre os interesses dos pobres e da classe dominante. Através de albergues, abrigos, asilos, centros de distribuição gratuita de alimentos, roupas, remédios entre outros serviços, vemos a administração das desigualdades sociais que se efetiva através do Estado, em todos os âmbitos (federal, estadual e municipal) se estendendo à rede de instituições privadas, as ONGs que, na sua maioria, recebem subvenções do poder público e o apoio também material da classe empresarial. Daí percebemos um jogo estratégico com o discurso de “fazer caridade” para os pobres, com medidas paliativas que, longe de solucionar o problema da miséria, apenas camufla sua verdadeira procedência e permanência,

⁴⁵Ibid. op. cit., p.115.

isto é, sua pertinência às classes dominadas atendendo aos interesses das classes dominantes.

Na pesquisa de campo, quando informávamos aos mendigos da possibilidade de pernoitarem em algum albergue, as recusas ante a possibilidade pernoitarem nos abrigos, na maioria das vezes, giravam em torno das regras da instituição e da violência ocorridas no interior das mesmas:

... “olha moça eu sei do albergue mais lá eu não quero ficar não. Primeiro eles rouba as coisas da gente tudo e quando vamo procurá as coisas ainda bate na gente dizendo que nós é bêbado. (Sr. Felipe, mais ou menos 40 anos)⁴⁶”.

Durante a pesquisa de campo, presenciemos duas “batidas policiais” que, na maioria das vezes, são justificados por suspeitos de tráfico de drogas no local, tentativa de captura de traficantes ou fugitivos da polícia, denúncias e queixas por parte da sociedade e, ainda, para limpar das ruas, os mendigos-vadios que incomodam a sociedade mendigando e cometendo pequenos furtos, recolhendo-os das ruas para a delegacia ou para os albergues que os acolhem por três dias e depois os devolvem às ruas. Assim, presenciemos durante a pesquisa de campo:

“Os agentes policiais chegaram no local, próximo à rodoviária ‘Castelo Branco’ de Uberlândia; foram até onde estava dormindo um mendigo, um senhor idoso que por deficiência física na perna utiliza moletas, acordaram-no com chutes e o agrediram com a própria moleta. Quando chegamos no local (estávamos afastados atendendo outros mendigos), o encontramos ferido e passando mal. Encaminhamos o mendigo para o albergue.”

⁴⁶ Entrevista gravada ... no dia 17/02/02 com pedinte no ponto de camelôs próximo à Rodoviária Castelo Branco.

Segundo Foucault, “o suspeito, enquanto tal, merecia sempre um certo castigo”. Seu corpo não representa uma força útil; é um corpo que não produz; não é considerado como cidadão e, portanto, encontra-se a margem dos direitos civis e políticos do poder público, uma vez que não desempenha seus deveres para com este. Ele é quase sempre o indivíduo suspeito de roubo e/ou delitos mais graves dos quais a polícia deve proteger a sociedade. Mergulhado em estigmas que ditam sua imagem social como delinqüente e marginal, o mendigo sobrevive com a constante ameaça de ter seu corpo violado através de maus tratos, agressões físicas e verbais. E essas ações representam o Estado cumprindo seu dever de mantenedor da ordem, através do aparelho repressivo policial, proporcionando segurança aos cidadãos, e ao mesmo tempo exemplificando o tratamento destinado àqueles que venham a se tornar mendigos. Dessa forma, seguindo uma política de disciplinarização do espaço urbano, em nome do progresso, pela ordem e a segurança somos expectadores de constantes espetáculos com atos repressivos que controlam o mendigo no espaço público da rua, independente que este esteja fazendo algo que prejudique a paz social. Assim, o mendigo é repreendido e violentado física e moralmente devido à sua imagem estigmatizada que remete à patologia social.

Outro acontecimento ocorreu no Albergue Noturno Ramatís, mesmo abrigo que encaminhamos o mendigo agredido pelos policiais na rua quando estávamos em pesquisa de campo (citação anterior), e foi presenciado por Campos⁴⁷

“No dia 05/01/200, no período da tarde quando eu estava terminando de analisar um documento do albergue, aconteceu um fato que deixo-me estarrecida.

⁴⁷ REIS, Eliane Campos. Op. Cit., p.59

Um migrante estava do lado de fora da instituição (na varanda) na parte da frente; tudo indicava que ele estava alcoolizado (o que não justifica a violência a qual ele foi alvo); ele estava cantando, em um tom que não dava para incomodar (no momento que ele começou, me veio a cabeça, que poderia acontecer alguma coisa com ele), passando alguns minutos que se encontrava na instituição veio dos fundos e foi até a frente e com a voz bastante autoritária perguntou a ele:

- *O que você está fazendo aqui? Pode rachar fora. Anda, o que o ce ta esperando?*

O migrante nada respondeu e saiu para a rua.

Quando ele já estava na rua, começou a cantar.

O policial não satisfeito entendeu isso como um desacato, foi até lá, “arrastou” ele para dentro do albergue, fechou a porta e começou espanca-lo. Enquanto fazia isso falava:

- *Canta mais, vai, continua cantando.*

E a cada palavra do policial se misturava o zoar do cacetete (que depois fui ver era aquele bastão de madeira com os quais andam de encontro ao corpo do migrante e aos seus gemidos.

Cansado de bater, o policial mandou que ele se sentasse em um canto.

- *Senta aí. Porque vocês fazem isso em? Responde. Agora você fica calado, né? Muxinho.*

O migrante:

- *Eu só tava cantando.*
- *Mas eu não mandei você pará? Mas quis tirar uma com a minha cara, né?*

O migrante:

- *É a cachaça que faz isso.*

O policial:

- *Desculpa, cachaça não tira o juízo de ninguém não. Você tá achando que policial tem juízo. Policial não tem juízo não. Vocês sabem o quanto a gente gosta quando aparece uns igual a você, cachaceiro. Se tiver muitos, a gente faz rodinha e mete o cacete.*
- *Agora vá embora, (abre a porta), e continua cantando lá na rua viu, que eu te pego de novo”...*

Na sala, eu estava estarrecida com tal violência, sem motivo, dentro do meu ser passava um misto de revolta, angústia, tristeza e até medo. Uma das funcionárias e me disse assim:

- *Eu não suporto isso. Tem dia que choro muito, fico um “caco” com isso. Porque não deixou o homem cantar lá fora? É tanta humilhação que estes coitados passam, que chegam a chorar. É abuso demais...*

Do lado de fora, dos migrantes que se encontravam lá não se ouvia nem um “pio”, nem mesmo das crianças que até poucos momentos brincavam; como se soubessem que qualquer barulhinho poderia leva-los ao mesmo fim.

D e acordo com Stoffels⁴⁸.

“A função da polícia é objeto de representação ambígua para o pedinte considerado: de um lado, ela é condenada pela coação contra o pobre; recolhimento forçado, péssimas condições de detenção, agressões, roubo e, portanto, indesejável; por outro lado, a polícia não deixa de constituir força institucional necessária, suscetível de fornecer ajuda ao pobre e um conjunto de agentes cujo papel é definido e delimitado e representa um fator de segurança”.

Mesmo sendo o mendigo, um indivíduo estigmatizado, ele também absorve e aceita o discurso dominante de que a ação do órgão repressivo policial se faz necessário para manter a ordem. Uma vez que ele nega ser como o outro (mendigo), a polícia cumpre o seu papel livrando a sociedade do mendigo-vadio, do delinquente

⁴⁸ STOFFELS, Marie – Glislaine, op. cit., p. 207

e do marginal. Daí a ambigüidade relacionada à imagem da polícia para os mendigos. Ao mesmo tempo em que eles cumprem sua função, a violência representa o principal instrumento de represália contra o mendigo, independente que este seja ocasional, profissional ou vadio.

Assim, presenciamos a ação repressiva nas ruas e nas instituições assistenciais por parte da polícia que, teoricamente, deveria recolher os mendigos das ruas pacificamente e encaminhá-los às instituições assistenciais, entidade pensada e construída com o objetivo de acolher o indivíduo carente. No entanto, o que vemos é um espetáculo de estratégias de controle e disciplinarização que, através de políticas institucionais, estigmas, discursos ideológicos e até mesmo da violência, atendem aos interesses políticos, econômicos e sociais das classes dominantes.

Relacionado às instituições assistenciais, estas são entidades de amparo social que possuem em seu planejamento organizacional, normas e regras fixadas pelo poder da sociedade global e, principalmente, pelo poder da classe hegemônica. Essas normas, no entanto não funcionam na prática; são bloqueadas pelo desconhecimento da realidade do indivíduo carente. Diante desse desconhecimento e, principalmente, diante da falta de interesse de solucionar o problema, vemos que as ações e realizações direcionadas à assistência são de fato equivalentes a uma ausência de ajuda efetiva. O exemplo mais claro que podemos citar são as FEBEMs do estado de São Paulo: teoricamente com uma proposta de recolher os menores para reabilitação e promoção humana, mas vemos um depósito de menores marginalizados, uma escola do crime. Os investimentos e ações direcionados a solucionar a condição de miséria que se encontra o indivíduo que se tornou mendigo, são representados por projetos de albergues, abrigos e centros comunitários que não objetivam retirá-lo da

condição de mendigo, mas alimentá-lo, vesti-lo, proporcioná-lhe o dormitório. Nesse processo, a condição de mendigo permanece com a diferença que este não está na rua, mas num espaço pensado e construído especialmente para ele – o mendigo. E para receber o auxílio assistencial, somente é necessário enquadrar-se às regras da instituição que são permeadas por um sistema de valores, regras e normas norteadoras que regem a sociedade global, além de contar com o auxílio do órgão policial, para a implementação da ação social.

Através dessa “tríplice aliança”: Estado, instituição social e aparelho repressor policial, o mendigo é recolhido e “guardado” das ruas. É somente na instituição que o mendigo é “aceito”, ou melhor, é recebido mesmo sendo esse um mendigo; ali ele possui acesso ao bem-público destinado a sua categoria. Assim de acordo com Machado⁴⁹.

...“e é esse olhar vigilante que não permite a reincidência dos atores do espetáculo da mendicância às ruas. Novos comportamentos, nova conduta moral é repassada em seu discurso. Não importa, e nem é possível, modificar concretamente a situação das famílias institucionalizadas. Importa, sim, a perda do hábito de mendigar, a aceitação do assistencialismo que dirige agora suas vidas como a melhor coisa que ter-lhes acontecido”.

Assim, a “tríplice aliança”, ao fornecer um fluxo de serviços e bens necessários aos mendigos, procura *“reforçar sua capacidade de impor aos moradores de rua e a sociedade como um todo, os interesses das classes hegemônicas, bem como obter legitimidade em sua tarefa de administrar as desigualdades sociais”*.⁵⁰ Como já foi mencionado anteriormente, os projetos de

⁴⁹. MACHADO, Maria Clara T. op. cit., p. 117.

⁵⁰ Pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo. (Org.) População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista. op. cit., p. 114.

cunho assistencial de longe possuem o objetivo de solucionar o problema da miséria do mendigo; de retirá-lo da condição de pedinte. O que vemos são ações ineficazes que, em conjunto com a repressão policial, mascaram a existência e as péssimas condições de existência dos mendigos nas ruas da cidade de Uberlândia. Assim:

“a política social no Brasil se mantém opaca, sem visibilidade, sem identidade, sem direção clara, germinando e proliferando numa caótica rede de instituições públicas produtoras de assistência e serviços sociais, que se apresentam marginais até mesmo para seus agentes técnicos” (Falcão, 1.989). Tratada residualmente, voltada a necessitados e desamparados como um pronto-socorro social e econômico, ao se apresentar como ajuda, complementação, excepcionalidade, a assistência social não consegue assumir o perfil de uma política no campo de reprodução social. “ Sua política é a não política” (Sposati, 1.989), configurando-se o assistencial como espaço marginal e compensatório de atendimento aos excluídos.⁵¹

Diante disso, entendemos as causas da resistência por parte de uma grande quantidade de mendigos (fator evidenciado em pesquisa de campo) de estarem procurando por albergues para pernoitarem; e as dificuldades enfrentadas pelo mesmo, no espaço público da rua. Portanto, ser mendigo no Brasil e, mais especificamente na cidade de Uberlândia, significa ser taxado por diversos estigmas; sobreviver através da caridade dos passantes e das instituições assistenciais; envolver-se no mundo dos vícios, roubos e delitos e escapar das constantes investidas da polícia que através da violência que através de violência, encaminham tais indivíduos aos órgãos competentes (delegacias e instituições assistenciais) que, por sua vez, funcionam como depositários de uma “patologia social” que não se investe

⁵¹ Ibid., p. 115.

para encontrar a cura, ou seja, solucionar a miséria material e moral que se encontram os mendigos.

Capítulo 3

3 - A CONSCIÊNCIA DO MENDIGO

A VISÃO DO MENDIGO DE SI E A ATUAÇÃO DO TRABALHO DO CENTRO ESPÍRITA FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

No decorrer dos dois primeiros capítulos apresentamos a percepção social do mendigo e o tratamento que o Estado, as instituições assistenciais e a polícia destinam a esses indivíduos praticantes da mendicância.

Como já foi mencionados anteriormente, os indivíduos que se encontram na posição de mendigos estão mergulhados na exclusão e na estigmatização institucionalizadas. Apontamos as diversas visões do mendigo através de “rótulos” depreciativos e percebemos nitidamente um consenso para a sociedade global: O mendigo juntamente à prática da mendicância representa um incômodo à paz da população; a ameaça para a segurança e a ordem através da infração das regras e um entrave para o desenvolvimento progressivo da cidade. Vemos que para a sociedade global, o mendigo representa o estorvo, a patologia urbana.

Assim, partindo de tal concepção, temos teoricamente um campo de trabalho onde de um lado estão os pobres e do outro está a classe dominante que, para assegurar seus interesses, utiliza-se das mais variadas estratégias usando como veículo as esferas sociais pontadas anteriormente no texto: a tríplice aliança; o Estado, a assistência institucionalizada através das instituições assistenciais e o órgão policial. Através dessa ótica dualista e dicotômica, observamos na produção bibliográfica o posicionamento quase que estável dos jogadores; os pobres dificilmente possuem voz ativa e as ações sobre estes são apresentadas com a riqueza de textos muito bem embasados teoricamente e com discussões conclusivas brilhantes a respeito das relações sociais e o lugar destinado a cada um dos atores.

As discussões acerca da mendicância se apresentam com os mendigos apontados socialmente como indivíduos desviantes e estratégias disciplinares que os controlam no espaço urbano. Dessa forma, se perdem, nas pesquisas de campo, as possibilidades de realizar observações mais profundas acerca do indivíduo que foi eleito como protagonista principal da pesquisa.

Preocupa-se em descrever e apontar o indivíduo como parte integrante da camada de pessoas que praticam a mendicância, ou seja, o mendigo é estudado como o indivíduo inserido numa camada social dotado de características que o identificam no grupo; os indivíduos com características particulares dão lugar a um conjunto de estigmas, hábitos e imagens que representam os mendigos.

Dessa forma, a percepção do sujeito enquanto mendigo não se apresenta nos itens de observações da pesquisa de campo. É evidente que seria impossível escrevermos a história através de pesquisas e estudos de cada pessoa em particular. No entanto, é muito válido, sem deixar de considerarmos também o coletivo, apresentarmos dentro das possibilidades, a consciência dos indivíduos que estudamos. No caso presente, a “consciência de si mesmo” dos mendigos. Assim como apresentamos a concepção da sociedade do mendigo, tentamos perceber a concepção que o mendigo tem de si próprio diante dos estigmas sociais e de todas as dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mendigos.

Em campo, privilegiamos determinados pontos de pernoite considerando a maior incidência de mendigos, sendo os pontos: nas proximidades do Terminal Rodoviário Castelo Branco; a Praça Nicolau Feres (agora não mais devido à instalação de PISC da Prefeitura Municipal); embaixo do Viaduto Elias Simão (BR365, na rodovia, próximo à rodoviária); proximidades dos posto planalto (no

Bairro Umuarama); na construção de um prédio abandonado (próximo ao Campus Santo Mônica); a Praça Nossa Senhora da Aparecida e no Posto Tigrão (na AV. Fernando Vilela próximo a ACIUB). Nesses pontos encontramos mendigos na maioria das vezes em grupos de até seis pessoas e/ou mendigos pernoitando sozinhos. (Ver anexo I)

Assim, como apontamos fatores comuns que influenciam na “caída” do indivíduo nas ruas, observamos também a similitude da concepção que os mendigos têm de si mesmos. Dessa forma, quando questionávamos os mendigos sobre suas perspectivas de estarem saindo das ruas às respostas eram as seguintes:

... “e aí pessoal, vocês sabem com quem estão falando ? É sou eu mesmo: o bandidão.

Sabe gente, não agüento mais essa vida. Isso não é vida de gente; é vida de bicho. A gente fica na rua bebendo cachaça, dormindo nas calçadas e de vez em quando os home (policiais) chega e mete o cacete na gente. Parece que a gente é uns bicho. Isso não é vida.” (Caio, homem de $\pm$ 30 anos)⁵²

... “Saí de casa por causa da cachaça. Fiquei desempregado e tinha muitas brigas na minha casa. Na rua, as pessoas me olha como se eu fosse um ladrão. Mas nunca roubei ninguém. Quando aparece bico (trabalho temporário) faço, e só peço na rua quando não tem jeito.

No albergue eles trata todo mundo muito mal. Eu sei que sou um bêbado, mas eu nunca roubei ninguém; eu não sou ladrão como o povo fala. É por isso que

⁵² Entrevista gravada em fita K7 no dia 17/02/2002, com o mendigo, nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

quando a polícia aparece já fico quieto no meu canto”...(Fábio, andarilho de 36 anos)⁵³

...”A gente tá na rua não é porque a gente qué. As pessoas olha pra gente achando que nós vai robá, mais nós nunca robô ninguém. Nós não é ladrão [...] eu quero muito voltá pra FALE mas ao mesmo tempo não quero deixá meus companheiros, minha cachaça. Às vezes sinto que não sou nada, a gente aqui na rua é apontado como ladrão, maconheiro e cachaceiro. Mas sei que um dia ainda vou conseguir saí da rua e voltá pra casa.” (Rafael, portador do HIV, falecido no início do ano com 26 anos)⁵⁴

...”Olha moça, a gente faiz de tudo pra saí dessa vida mais a cachaça não me deixa. Mas um dia eu sei que ainda vou tá aí, ‘desse lado’ com vocês, fazendo esse trabalho junto com vocês. Mas agora eu tô nessa situação, sou ex-presidiário e também dependente (dependente químico) e por causa disso não consigo arrumá trabalho e nem voltá pra casa...” (Paulo, 36 anos)⁵⁵

A concepção que os mendigos possuem de si mesmos, na maioria das vezes é ambígua, uma vez que nega os estigmas a ponto de negar-se semelhantes ao outro. O Outro é mendigo, porém “eu” não sou, porque não sou vadio, ladrão ou vagabundo. Porém, o indivíduo vive nas ruas e utiliza a prática da mendicância para assegurar, principalmente, o consumo do álcool. Eles negam os estigmas que estão presentes e

⁵³ Entrevista cedida à autora, em 26/08/2001, nas proximidades do Posto Planalto, no bairro Umuarama.

⁵⁴ Entrevista concedida a autora em: 03/03/2002, no ponto de camelôs, próximo à Rodoviária Castelo Branco.

⁵⁵ Entrevista gravada em fita K7 no dia: 25/1/2001, no coreto da Pça Nicolau Ferez.

são visíveis no outro, ao mesmo tempo em que os aceitam e incorporam como parte de si: “Parece que a gente é um bicho”; “ Eu não sou ladrão como o povo fala. É por isso que quando a polícia aparece já fico quieto no meu canto”; “às vezes sinto que não sou nada”. A grande maioria dos mendigos são alcoólatras porém nem todos são dependentes químicos ou possuem passagem na polícia por delitos cometidos anteriormente. Assim, os estigmas generalizam os mendigos como vadios, ladrões, viciados e criminosos e, mesmo negando tais valores depreciativos, percebemos em suas indagações que a imagem que os mendigos possuem de si mesmos é permeada daquilo que eles querem ser, ou seja, um indivíduo que, apesar de estar nessas condições, ainda mantém os valores sociais de antes de “caírem” na rua; daí a esperança de ainda estarem retornando para seus lares, conseguir trabalho e sair da condição de mendigos. No entanto, também vemos a introjeção dos estigmas pelos indivíduos, marcando-os como desviantes perante a sociedade e também para si próprios.

Quando estamos em campo, é comum o indivíduo apresentar o sentimento de vergonha por serem mendigos e serem vistos e apontados com os estigmas. O que percebemos são pessoas frustradas, deprimidas, com o sentimento de fracasso pesando-lhes na consciência. A desvalorização social representa uma das justificativas por serem alcoólatras. A deterioração física pelas péssimas condições de higiene falta de alimentação adequada, álcool em excesso e pelas constantes pernoites na rua enfrentando frio, chuvas e freqüentes “visitas” de policiais reafirmam psiquicamente os estigmas sociais que assolam os mendigos. Os trapos que se transforma reafirmam que são os desvios e a patologia da sociedade. E

mergulhados nesse conflito interno, os mendigos negam os estigmas ao mesmo tempo em que incorporam e aceitam os mesmos.

O projeto de sair da rua e da prática da mendicância traduz o desejo de deixar de ser mendigo e voltar a ser um cidadão normal (pelo menos socialmente normal) integrando-se novamente no mercado de trabalho e retornando ao seio familiar. A mesma estigmatização que assola o mendigo, funciona como objeto de medo para os indivíduos que se encontram desempregados. Os primeiros dias e meses em buscas sem sucesso à empregos denotam ao indivíduo, o sentimento de perda que se inicia com a perda do emprego. A condição de desempregado sugere a perda do papel de sujeito como provedor, perde-se o poder de consumo e revela-se uma incômoda relação de dependência para com os indivíduos próximos da rede geralmente familiar de convivência. E o sentimento que assola o desempregado é a frustração, a depressão e o medo de uma brusca mudança para “debaixo da ponte”. Daí a constante e ininterrupta busca a trabalhos ou mesmo “bicos”. É inconcebível para a sociedade, as dificuldades alavancadas pelos mendigos para saírem das ruas. No entanto, por vivermos numa sociedade ordenada em constante busca do modelo ideal de sociedade (profissional, pessoal, familiar, entre outros) não conseguimos vivenciar o drama dos mendigos; não conseguimos manter uma relação empática com esses indivíduos e quando questionamos as causas deles não saírem das ruas, estamos questionando de acordo com a forma que vivemos na sociedade, isto é, seguindo regras e normas sociais.

Por isso, dificilmente percebemos o sofrimento, a emoção e as “causas íntimas” em cada uma das falas dos indivíduos que estão nas ruas. Na realidade, e de uma forma geral, nem sequer paramos para ouvi-los. E esses indivíduos das ruas

permanecem no anonimato contando suas histórias entre palavras “enroladas”, dificultadas pela ação anestésica do álcool. Podemos perceber a consciência do mendigo, de sua situação de exclusão, presentes nas seguintes entrevistas:

...”estou na rua desde os onze de idade e já cheirava cola e fumava maconha. Minha madrinha quis me dá uma boa educação, mas eu era revoltado porque nunca conheci meu pai e minha mãe não quis saber de mim. Fugi de casa e me envolvi com roubo pra comprá droga. Fui preso várias vezes quando ainda era de menor e caí na penitenciária daqui mesmo (Uberlândia) quando tinha completado dezenove anos por roubo a mão armada.

Hoje tenho um filho de três anos que a minha avó cuida e não desejo para meu filho o mesmo futuro que tive. Hoje me considero como um velho, sou dependente químico, uso crack, sou reincidente na penitenciária por vários assaltos a mão armada seguido de homicídio. Já apanhei muito da polícia e agora estou aqui na rua sem casa, sem comida e sem poder ver meu filho. Eu sou um “trapo velho” sem futuro e peço desculpas a vocês por estar falando todas essas coisas mas é assim que sinto.” (Marcos, 23 anos)⁵⁶

“... Sabe, eu entendo muito bem de computação, mas depois que queimei minha mão não consigo mais digitar mas sei que ela vai melhorar e eu vou voltar a mexê com computador. Eu tinha um sócio numa firma pequena de programação mas ele me passou pra trás e eu perdi tudo. Morava lá em Curitiba e depois caí no mundo e agora sou isso que a senhora tá vendo. Todo dia vou na medicina pra fazer

⁵⁶ Entrevista concedida à autora no dia 08/07/2001, nas proximidades do Posto Planalto, no bairro Umuarama.

curativo na mão porque sei que eu ainda vou voltá pra casa de minha mãe. Eu não sei nenhuma notícia dela e nem dou nenhuma. Não tenho coragem de voltar do jeito que estou, sujo, sem trabalho, bêbado. Virei um mendigo. Mas eu ainda vou voltá pra minha casa.” (Sr. Gabriel, 46 anos. Fez esse relato com lágrimas nos olhos e descendo pelas faces)⁵⁷

...“Olha gente, me ajuda pelo amor de Deus. Eu sou portadora de AIDS, tô na rua passando fome e frio e meus filhos tá com minha mãe. O mais novo tá na medicina com pneumonia e ele só pode mamá leite NAN. Eu preciso dormir com calma pelo menos uma noite. Eu sei que eu perdi meus filhos porque bebo demais, mas o problema é também a droga. E agora meu marido tá lá querendo me batê. Olha só a minha cara, tá toda inchada e roxa; olha como eu tô sem dente, magra por causa da doença, minha roupa não serve mais e eu não consigo saí dessa situação. (com lágrimas nos olhos) Gente me ajuda”.(Madalena, 24 anos)⁵⁸

...”Eu moça, já freqüentei a faculdade UFU de Letras, já trabalhei muito, já estive do jeito que você está. Mas agora eu estou aqui na rua vivendo desse jeito dependendo dos outros. De repente a minha vida “virou de cabeça pra baixo” e quando acordei já estava na rua bebendo com os mendigos. Eu não sou uma mendiga se eu quiser eu alugo um barraco hoje mesmo. Eu até ajudo eles (os mendigos). Esse aí (apontou para um homem jovem que estava próximo) eu peguei

⁵⁷ Entrevista concedida à autora no dia 18/06/2000, numa borracharia próxima do Posto Planalto, no bairro Umuarama.

⁵⁸ Entrevista com Madalena, no dia 19/08/2001, próximo da rodoviária Castelo Branco.

para ajudá, vê se sai da bebida. Viu, eu não sou mendiga, apesar de tudo, eu até ajudo.” (Sara, 38 anos)⁵⁹

Como já foi mencionado, não é viável escrevermos a história dos mendigos de Uberlândia privilegiando o individual, mas devemos ater ao coletivo considerando as características inerentes à prática da mendicância. No entanto, através das entrevistas dos mendigos vemos as falas dos vencidos, o resultado da ação dos estigmas sobre a psique desses indivíduos e a ambigüidade e contradições de sentimentos representados através de uma luta interna entre não ser como o outro (negação do “rótulo” de mendigo) ao mesmo tempo em que os estimas e a realidade, a prática de se viver na rua, “corrói” psicologicamente o equilíbrio mental do indivíduo que, apesar de não viver de acordo com as regras sociais, possui incorporadas em si, as mesmas regras que norteiam a nossa vida porque na realidade, o mendigo faz parte da sociedade, apesar de ser um indivíduo excluído.

Relacionado à exclusão e à pobreza, em recente pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia foram apontados dados sócio-econômicos demonstrando que “Uberlândia tem 216 mil pobres” (Ver anexo II). De acordo com o jornal O Correio⁶⁰:

“Uberlândia tem, atualmente, 43,3% (cerca de 216 mil) de pessoas pobres e 10,7% (mais de 53 mil) de indigentes [...] Pobreza significa carência, escassez e falta. Indigência é um estado pior, como miséria, necessidade, penúria”.

⁵⁹ Entrevista concedida à autora, no dia 13/02/2000, nas proximidades da Rodoviária Castelo Branco.

⁶⁰ Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia: 05/12/01, p. A-7.

O coordenador da pesquisa, Heládio José Campos Leme⁶¹, disse que

... “Esse trabalho mostrou uma cidade pontuada de contrastes. Se por um lado Uberlândia é uma cidade de destaque, com uma economia densa e serviços de ponta; por outro lado conta também com um alto grau de exclusão social [...] Através da pesquisa constatamos que o problema de Uberlândia não é a migração, mas sim a falta de distribuição de renda.”

Diante dessa alto percentual de pobres e indigentes apontados pela pesquisa, esse número é confirmado nos bairros periféricos e nas ruas da cidade de Uberlândia. Nesse sentido, com um discurso permeado de citações bíblica que evidenciam a importância da prática da caridade para com aqueles que nada têm, as instituições religiosas possuem significativa participação no campo da filantropia.

O Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, fundamentado na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec (pseudônimo do francês Hippolyte Léon Denizard Rivail), “foi o primeiro centro fundado em Uberlândia. Realizada na residência do casal Pedro Schwindt, o primeiro presidente, e Maria Rita Schwindt, a fundação aconteceu no dia 13/01/1913. Em 1917, o Sr. Gustavo José da Silva doou o terreno dos fundos de sua casa, onde se iniciou a construção da sede do centro onde está até hoje, na Rua Machado de Assis, n.º 395, no centro da cidade.

A experiência dos 86 anos já passados solidificou os trabalhos realizados pelo Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade na assistência material e espiritual que, dentre outras atividades, oferece passes de Segunda a Sexta-feira”.

Para uma melhor compreensão do “discurso moral” presente na Doutrina Espírita ou Espiritismo e, portanto, difundida nas atividades assistenciais realizadas

⁶¹ Idem. op. cit., p. A-7.

pelos Centros Espíritas, faremos uma pequena explanação à cerca de seus principais fundamentos:

“O Espiritismo é um conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos, contidos nas obras de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.”

“O Espiritismo é o consolador prometido pelo Cristo; ensina todas as coisas ao fazer entender o que o Cristo disse apenas por parábolas...”

“Revela conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos homens, dos Espíritos e das leis que regem a vida. Pode e deve ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, religioso, ético, moral, educacional, social.”

— “Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, impotente, soberanamente justo e bom.

- Além do mundo corporal, habitação dos Espíritos encarnados (homens) existe o mundo espiritual, habitação dos Espíritos desencarnados (antes do nascimento e após a morte do corpo físico).

Obs.: O homem é um Espírito encarnado em um corpo material.”

— “Os Espíritos reencarnam (reencarnação) tantas vezes quantas forem necessárias ao seu próprio aprimoramento.

— Os Espíritos evoluem sempre. Em suas múltiplas existências corpóreas podem estacionar, mas nunca regridem. A rapidez de seu progresso, intelectual e moral, depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.

— *As relações dos Espíritos com os homens são constantes, e sempre existiram. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os Espíritos imperfeitos ou inferiores, pela afinidade, tendem a nos manter na ignorância, que representa o mal.*

— *Jesus é o guia e modelo para toda a humanidade. E a doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.”*

— *“A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela humanidade.”*

— *“O homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas conseqüências de suas ações.”*

— *“A vida futura reserva aos homens penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não à Lei de Deus – Lei de Ação e Reação/Causa e Efeito.”*

— *“O Espiritismo respeita todas as religiões, valoriza todas os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização entre todos os homens, independente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”⁶².*

Assim, conforme os preceitos da doutrina Espírita, o homem possui o livre-arbítrio, porém é responsável pelo o mau ou o bom uso do mesmo no seu dia-a-dia.

⁶² Fonte: AME (Aliança Espírita de Uberlândia) Sede do Conselho Regional Espírita Zona Norte do Triângulo Mineiro – Campanha de Divulgação do Espiritismo (ver anexoIII).

Dependendo das ações e dos pensamentos dos indivíduos atraí-se espíritos bons ou maus. A má influência dos espíritos sobre o homem é denominada obsessão. Assim, conforme o Livro dos Espíritos⁶³.

“II- Influência Oculta dos Espíritos Sobre os Nossos Pensamentos

459. Os Espíritos influem sobre as nossas ações?

- Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito freqüentemente são eles que nos dirigem.

460. Temos pensamentos próprios e outros que nos são sugeridos?

- Vossa alma é um espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo, e freqüentemente bastante contraditórios. Pois bem: nesse conjunto há sempre os vossos e os nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas idéias que se combatem.⁶⁴”

“465. Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

- Para vos fazer sofrer com eles

466. Por que permite Deus que os espíritos nos incitem ao mal?

- Os Espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito, e é por isso que passa pelas provas do mal, para chegar ao bem. Nossa missão é a de colocar-te no bom caminho, e quando más influências agem sobre ti,

⁶³ O Livro dos Espíritos é uma obra mediúnica de perguntas e respostas contendo os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade (segundo o ensinamento dos Espíritos superiores, através de diversos médiuns, recebidos e ordenados por Allan Kardec). Ver anexo III.

⁶⁴ KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de J. Herculano Pires, Ed. Lake. São Paulo, 1993. p. 209-210.

és tu que as chamas, pelo desejo do mal, porque os Espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tens a vontade de o cometer; eles não podem ajudar-te no mal, senão quando tu desejas o mal. Se és inclinado ao assassinio, pois bem, terás uma nuvem de Espíritos que entreterão esse pensamento em ti; mas também terás outros que trataram de influenciar-te para o bem, o que faz com que se reequilibre a balança e te deixe senhor de ti.⁶⁵”

É assim que Deus deixa a nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma, a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

Dessa forma, de acordo com os ensinamentos do Livro dos Espíritos, o indivíduo que possui o vício do álcool ou outras drogas, por afinidade de pensamentos, desejos e ações, irá atrair Espíritos que quando encarnados (homens vivos) também utilizavam álcool ou demais drogas. Os indivíduos coléricos ou com tendências suicidas atrairão Espíritos coléricos e tendenciosos ao subsídio respectivamente. Assim, de acordo com as atitudes e pensamentos do indivíduo, ele terá afinidades com os Espíritos que atrair, e estes (os Espíritos) por sua vez poderão influenciar as ações e os pensamentos do indivíduo. Diante disso, para os espíritas, além dos fatores de ordem material que influenciam na “caída” do indivíduo nas ruas como o alcoolismo, o desemprego, a violência doméstica, entre outros, há também os fatores de ordem espiritual. A obsessão na maioria das vezes influencia os primeiros fatores e representa uma das causas dos sofrimentos do mendigo. “Nós atraímos aquilo que somos”, portanto, o mendigo que está na rua alcoolizado,

⁶⁵ Idem. op. cit., p. 209-210.

cometendo pequenos furtos e outros delitos dando vazão às suas inferioridades acaba por atrair espíritos portadores das mesmas inferioridades.

Porém, segundo o ensinamento Espírita, aqueles que procuram transformar-se intimamente através da prática do bem, superam suas inferioridades e/ou vícios (maus pensamentos, egoísmo, orgulho, incompreensão, inveja, preguiça, maledicência, ódio e outros) e atraem bons espíritos o que representa auxílio e força para a evolução moral do indivíduo.

Assim, de acordo com Martins⁶⁶ em A Questão Social Vista por Allan Kardec⁶⁷, temos:

“Os males da Humanidade provém da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses gerará constantes misérias.

Sem dúvida, boas leis contribuem para melhorar o estado social, mas são impotentes para tornar venturosa a Humanidade, porque mais não fazem do que comprimir as paixões ruins, sem as eliminar. Em segundo lugar, porque são mais repressivas do que moralizadoras e só reprimem os mais salientes atos maus, sem lhes destruir as causas. Aliás, a bondade das leis guarda relação com a bondade dos homens; enquanto estes se conservarem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, farão leis em benefícios de suas ambições pessoais. A lei civil apenas modifica a superfície; somente a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reforma-lo.

⁶⁶ MARTINS, Celso. Compilador, Autores Diversos. “O Espiritismo e os Problemas da Humanidade, 2ª Edição 1993, Ed. EME. Capivari-SP, p. 13-15.

⁶⁷ Allan Kardec ou Hippolyte Léon Denizard Rivali nasceu em Lyon, na França, em 3 de Outubro de 1.869. Antes de se dedicar à codificação do Espiritismo, exerceu, durante 30 anos, a missão de educador. Foi discípulo de Pestalozzi, tendo publicado diversas obras didáticas. A partir de 1.855, começou a estudar das manifestações dos Espíritos que se revelavam pelas mesas girantes, grande atração pública da época na França. Em 1.858, fundou a sociedade parisiense de Estudos Espíritas e a Revista Espírita, lançando na prática o Espiritismo, não apenas em Paris, mas em toda a França, alcançando a Europa inteira e todo o mundo, incluindo a América Latina”. (Ver: Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo).

O homem que se esforça seriamente por se melhorar, assegura para si a felicidade, já nesta vida. Além da satisfação que proporciona à sua consciência..., Ele terá a paz do Espírito e não será atormentado pela sede das honrarias e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme.

Será isso uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não crê no progresso da alma; não o será, para aquele que crê na sua perfectibilidade indefinida.

O progresso em geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no progresso da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse é o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todos o progresso moral da Humanidade”.

Assim, o Espiritismo possui como fundamento primordial à moralização do indivíduo e somente através do melhoramento interior de cada um, que em conjunto representa a moralização da sociedade global, teremos a solução do problema das desigualdades sociais. De acordo com os ensinamentos do “Evangelho Segundo o Espiritismo”⁶⁸, a humanidade caminha em evolução moral desenvolvendo o sentimento de caridade e amor ao próximo. Assim temos:

“Amar o próximo como a si mesmo; fazer aos outro o que gostaríamos que fizessem por nós é a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres em relação ao próximo. Não há guia mais seguro sobre isso do que ter como regra fazer aos outros o que desejamos para nós. Com que direito exigiremos dos nossos semelhantes bom procedimento, indulgência, benevolência, dedicação, se não lhes damos isso? A prática desses ensinamentos morais orienta e conduz à destruição do egoísmo.

⁶⁸ KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de Renata Barboza da Silva e Simone T. Nakamura Bele da Silva. SP.

Quando os homens a tomarem como regra de conduta e como base de suas instituições, entenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre eles a paz e a justiça. Não haverá mais ódios nem desavenças e sim união, concórdia e benevolência mútua”.

“ Toda moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, ou seja, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, mostra estas virtudes como sendo o caminho da felicidade eterna: Bem-aventurados - disse Ele - os pobres de espírito, ou seja, os humildes, pois é deles o reino dos céus; [...] amais ao vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que gostaríeis que vos fizessem; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoado; [...] Humildade e caridade, eis o que ele não cessa de recomendar e exemplificar. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E faz mais do que recomendar a caridade, coloca-a claramente, e em termos bem definidos, como a condição absoluta da felicidade futura”.

“Em seus ensinamentos, o Cristo mostra que a essência da perfeição é a caridade em sua mais ampla significação, por que define a prática de todas as outras virtudes, [...] o verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e de caridade, na sua maior pureza. Questiona sua consciência sobre seus próprios atos”.

Assim, de acordo com os preceitos do Espiritismo, vemos que a evolução moral do indivíduo consiste na realização da caridade, imbuindo do sentimento de amor ao próximo. A partir do desenvolvimento de “sentimentos superiores” alcança-se a evolução moral para a felicidade futura e o próximo, representa a ponte para esse objetivo. O Evangelho de Kardec apresenta os ensinamentos da doutrina através de textos mediúnicos (ditados pelos espíritos desencarnados por meio da faculdade mediúnica de médiuns encarnados) embasados em textos bíblicos. Dessa forma, vemos no Evangelho diversas citações bíblicas que reafirmam os ensinamentos da doutrina.

E para finalizarmos essa pequena explicação sobre o Espiritismo, citaremos um trecho da bíblia que enfatiza a necessidade da “misericórdia e caridade cristã” como princípio fundamental na vida do verdadeiro cristão:

O Juízo Final⁶⁹

“Quando o filho do homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estão à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim. Perguntar-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar? Responderá o Rei: Em verdade eu vos declaro: Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”. (Mt 25, 31-40).

Diante desse pequeno voo explanatório a cerca dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, analisaremos o Trabalho do Chá realizado por um grupo de amigos entre os quais há espíritas, espiritualistas (simpatizantes da doutrina dos Espíritos) e católicos, reunidos com o mesmo objetivo de assistir as necessidades primeiras dos pedintes. O trabalho consiste numa atividade realizada aos domingos das 21:30 às 23:30 horas após os estudos doutrinário sistematizados, do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade. O grupo reúne-se no centro munidos de garrafas térmicas com chás diversos (mate, erva cidreira, hortelã), pães, roupas que a comunidade doa para o centro e medicamentos de primeiros socorros. Após a leitura

⁶⁹ Bíblia Sagrada, Novo Testamento. Tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 75ª edição. Editora Ave Maria Ltda, São Paulo – 1993.

de pequena mensagem edificante (ver anexo IV) é feita uma prece exortativa (ver anexo V) no sentido de *“harmonizar os diferentes interesses dos indivíduos. A oração chama para que o grupo trabalhe com o mesmo objetivo; nessa oportunidade de está participando do trabalho eu sou a ferramenta para a transformação moral e o bem-estar social”⁷⁰*.

Geralmente, saem do Centro de dois a três carros e o grupo divide-se em dois dirigindo-se aos pontos de pernoite dos pedintes. Durante a distribuição do chá com pão doa-se roupas e calçados para aqueles que estão maltrapilhos, faz-se curativos naqueles que se encontram com ferimentos leves e os membros do grupo destinam a essas pessoas momentos de atenção, onde o grupo ouve as histórias de vida dos mendigos, as reclamações (geralmente dos maus tratos da sociedade e da polícia), informam-os sobre os serviços de instituições assistenciais. Orienta-os sobre a importância de “sair” do vício do álcool e/ou outras drogas para a melhoria da saúde e da vida do indivíduo. Nunca é lido mensagens do Evangelho ou de qualquer outra obra Espírita. Somente quando é solicitado pelo mendigo faz-se alguma prece que é realizada com as mãos dadas formando uma “corrente” entre os membros do grupo e os mendigos. De uma forma em geral, o grupo orienta-se através dos ensinamentos da doutrina realizando a caridade com o objetivo de auxiliar aos mais necessitados através do material, atenção, apoio moral; e busca o melhoramento íntimo desenvolvendo o amor ao próximo colocando os ensinamentos do Cristo em prática; para o “burilamento” de sentimentos superiores, que eleva o espírito à condição moral mais elevada.

⁷⁰ Fala dita por um membro do trabalho do Chá, durante a entrevista.

No segundo capítulo quando tratamos das instituições assistenciais (que pode ser de cunho religioso ou não) evidenciou-se sua estreita relação com o Estado e com órgão o policial, engajados no projeto político de disciplinarizar e controlar a pobreza no espaço urbano. No entanto, percebemos através do trabalho assistencial realizado pelo centro espírita, a divergência de discursos e de objetivos da assistência. Na realidade, chamamos a atenção para o diferente significado do trabalho assistencial, para as diversas esferas envolvidas (política, assistência institucionalizada, econômica, social, policial) que permeiam a sociedade. Na bibliografia especializada temos em voga a ação da assistência institucionalizada cumprindo seu papel como instrumento de disciplinarização e controle a favor dos interesses das classes detentoras do poder político-econômico da cidade de Uberlândia. No entanto, no desenvolvimento do trabalho assistencial no interior dos Centros Espíritas, Igrejas Evangélicas e católicas, vemos trabalhadores voluntários que realizam na prática e no campo, o trabalho com a camada empobrecida da sociedade com outros objetivos que, independente estarem ou não contribuindo para uma ação maior que envolva controle, ideologia, jogos políticos e econômicos, seguem realizando o trabalho visando evolução espiritual, a humanização das relações sociais e a prática dos ensinamentos do Cristo. E são essas pessoas que conhecem na íntegra, a realidade das necessidades e dificuldades da população carente. Realidade que na maioria das vezes é ignorada pelos idealizadores de projetos políticos sociais e pelos dirigentes das instituições assistenciais.

E é o conhecimento das verdadeiras necessidades dos pedintes que percebemos nas entrevistas de alguns dos membros do trabalho do “chá” do Centro Espírita “Fé, Esperança e Caridade”:

“No trabalho do Chá e através do estudo do evangelho, procuro entender o porque de estender a mão. Onde entra a psicologia do cristo da caridade que é melhorar a auto estima dessas pessoas para lutar contra o fato de estarem na rua. E o campo, a prática é a melhor forma para entendermos a teoria. A pratica daquilo que o Cristo deixou através do evangelho é o maior mecanismo para o aprendizado do ser humano. [...] A postura do mendigo na rua é um fator importante para a realização do trabalho. Às vezes ele se apresenta como um coitado porque se sente um incapaz. O problema do ‘Pedro’ por exemplo, é a carência. Ele encontrou na rua o carinho que não encontrou em casa. A ‘Madalena’, por causa de problemas de família e de suas transgressões (festas, bebidas, drogas, sexo e AIDS), ela é marginalizada. O ‘Caio’ é um rebelde com a estrutura formalizada da vida.

O processo de indignação absoluta com o desemprego, por exemplo, faz com que a pessoa se sinta lesado e a frustração geralmente pode levar ao vício. Quando essas pessoas caem na rua, vemos a vergonha, o desespero e às vezes até mesmo o orgulho quando negam o nosso atendimento.

Relacionado às instituições assistenciais, num primeiro momento é interessante apoiar as necessidades imediatas, mas depois, é necessário a outra parte, ou seja, a complementação da assistência. O albergue acolhe para depois o indivíduo seguir em frente e não para permanecer na instituição por tempo indeterminado. Essa assistência é função da sociedade e esta, joga para o Estado. As reivindicações sociais são para retirar o mendigo. Não há projetos vindos da sociedade para promover o mendigo. Vemos aí o egoísmo refletido no Liberalismo.

A sociedade exige, mas não cria mecanismos. Quando ela não está bem, sente-se ameaçada e exige do Estado soluções.

O acolhimento realizado pelas instituições é material e menos moral. A sociedade não quer realizar o trabalho, a prática, porque não se sente também responsável; o problema é do Estado.

O fundamento maior do Espiritismo é resgatar a ação do Cristo, o 'fazer'. É muito mais fácil contribuir com dinheiro do que doar trabalho voluntário. Em algumas infrações de trânsito, o indivíduo é convocado pelo juiz a realizar algum trabalho voluntário como penalidade, mas na maioria dos casos, prefere-se pagar a multa. O mal do século é a indiferença. Muitas vezes, o trabalho dos espíritas incomoda porque os resultados são palpáveis. E isso incomoda porque para solucionar o problema antes de qualquer ação, o sentimento. E o trabalho de campo tão criticado anteriormente, hoje vemos as empresas incentivando que seus funcionários realizem trabalhos voluntários. Isso representa o processo natural da evolução moral. Mesmo com o interesse dos prêmios materiais e o reconhecimento de Empresas Cidadãs, a evolução está presente. Para solucionar o problema é necessário melhorar o sentimento da sociedade que é um tanto egoísta⁷¹. ”

“Vi na tv um trabalho de distribuição de cobertores para o pessoal que ficava na rua em São Paulo. Como aqui em Uberlândia estava muito frio a idéia inicial era levar somente cobertor. Depois, por causa do frio passamos a levar também chá quente com pão.

⁷¹ Entrevista com o depoente Sandro, membro do grupo do trabalho do Chá. Data: 02/04/2002.

Num primeiro momento realizava o trabalho porque me fazia bem espiritualmente. Era uma importante contribuição para o bem-estar de alguém. Sempre tive muita preocupação em administrar bem o trabalho e principalmente não deixar que o sentimento esfriasse. Junto com o sentimento vem o senso de responsabilidade.

Eu vejo aquelas pessoas (mendigos) como alguém que está passando por uma fase da evolução moral. O Espírito não fica naquela condição para sempre. Quando as pessoas estão na rua há pouco tempo, percebemos uma grande esperança, uma certa ingenuidade de que logo sairão da rua. O objetivo do trabalho é atenuar o momento difícil que a pessoa está passando e auxiliar em despertar no indivíduo, força e vontade para sair dessa condição⁷²”.

“Eu faço parte do grupo do chá, num primeiro momento, porque é um trabalho espírita. Já havia mais de um ano que este trabalho estava sendo realizado com o objetivo de assistir as pessoas que ficam na rua, não tem um local para dormir, muitas vezes porque abandonou a família. É um trabalho com o objetivo de dar alimentação para as pessoas, depois uma palavra amiga, de conforto, que possa dar um ânimo, algo que também possa orientá-lo, a sair do jeito que estão. [...] Cheguei a conclusão que várias pessoas estão nas ruas por diversos motivos e a maioria deles, são porque eles brigaram com a família. E essa briga, muitas vezes feriu, tocou no muito orgulho dessas pessoas. Daí ele se rebela e sai de casa. A nossa ajuda é válida porque primeiro nós estamos auxiliando eles matando a fome; é um trabalho assistencial. Por outro lado, estamos tentando encaminhá-los e isso

⁷² Entrevista com o depoente Gilberto, membro do grupo do trabalho do Chá. Data: 03/04/2002.

já faz parte da nossa filosofia de auxiliar aqueles que consideramos como irmãos, que para Deus todos nós somos irmãos. [...] Os nossos diálogos, as nossas conversas com eles num primeiro momento não conseguimos acesso. Num primeiro momento eles estão com raiva, com mágoa, ressentimento, é óbvio que não vão nos dá ouvido. É só com várias visitas que nós vamos conseguir nos aproximar mais para auxiliar. [...] esse é um trabalho que nos faz auxiliar e a ver outras pessoas que estão em outras condições e que vão me dar outras visões de como essas pessoas vivem. Me dar condições para que eu possa desenvolver alguns tipos de sentimentos como por exemplo a caridade, como a questão do amor ao próximo que é o nosso objetivo dentro de uma casa Espírita, porque por um lado nós estamos no centro, mas ocorre também nas nossas relações da nossa vida, em sociedade. Há aqueles que estão na rua por causa do desemprego. Vem para a cidade procurar trabalho e não conseguem arrumar emprego. Na rua eles perdem os documentos porque são roubados, não tem dinheiro para pagar pensão, para alimentar-se ou mesmo voltar para sua cidade. [...] o objetivo do grupo é também ter experiência na filantropia, conhecer melhor essas pessoas; porque eles estão na rua; aí às vezes entra também o problema da obsessão eles são influenciados : o alcoolismo e a droga por exemplo. [...] um fator interessante aí mostra o verdadeiro valor se você é caridoso, porque quando você encontra uma pessoa que está razoavelmente vestida, mais ou menos bem apresentável, que não esteja cheirando mal e seja pelo menos receptível, é fácil, mas, encontrar uma pessoa que está alcoolizado, que ele é rebelde, que é maltrapilho e ajudá, aí está a verdadeira caridade. [...] o objetivo do trabalho é dá uma assistência para matar a fome, vestir, dar um apoio moral; futuramente esperamos poder encaminhá-lo para uma casa onde ele possa ser

*promovido com oportunidades de trabalho, poder voltar para sua casa, sua família*⁷³”...

Diante das considerações enfatizadas nas entrevistas, vemos nitidamente visões e objetivos diferenciados a cerca do trabalho assistencial na cidade de Uberlândia. Na pesquisa de campo ouvimos e vemos histórias de vida, as causas das “caídas” e os reflexos dos estigmas interiorizados no imaginário dos mendigos. Na rua ouvimos a voz e a versão dos vencidos traduzidos através do desespero, o álcool, os rótulos; pela falta de comida, atenção, esperança e principalmente através dos “olhares” que não os identificam como gente.

Assim, percebemos que tudo é uma questão do “olhar” direcionado ao objeto. O sociólogo, o historiador, o antropólogo, o economista ou qualquer outro pesquisador, através de seus “olhares” juntamente com seus valores subjetivos priorizará aquilo que mais lhes chama a atenção atendendo aos mais diversificados interesses construindo dessa forma, teorias e formando opiniões. Vimos nas discussões ao longo do texto, observações particulares em torno dos indivíduos que praticam a mendicância e por isso são mendigos que por uma ótica representam os desvios sociais da sociedade; ou o próximo que devemos amar e auxiliar seguindo os ensinamentos e o exemplo do Cristo ou ainda, indivíduos excluídos sociais privados do mínimo necessário que lhes garanta uma vida digna. E é exatamente essas observações particulares sobre os mendigos que presenciamos no cenário das ruas, instituições e da sociedade global, onde cada um no seu devido lugar possui uma “serventia” contribuindo para o plano maior da civilidade e/ou evolução Humana

⁷³ Entrevista do depoente Carlos, membro do grupo do trabalho do Chá. Data: 07/04/2002.

atendendo aos mais diversificados interesses. E quanto ao objeto da pesquisa, eles continuam nas calçadas implorando uma “dádiva”, fugindo da polícia, nas “bocas de fumo”, peregrinando por esse Brasil a fora em busca daquilo que lhes é negado, ou melhor, que nós - a sociedade global - lhes negamos: o direito através de oportunidades concretas, de saírem da condição de mendigos. E esse passo somente será dado, a partir da mudança de mentalidade da sociedade e isso, a longo tempo. As transformações no sentido de solucionar o problema da pobreza e miséria, como já está mais do que comprovado, não acontecerão “de cima para baixo” através de um projeto político social, porque isto não representa os interesses daqueles que possuem o poder econômico e político do Brasil e, portanto, também da cidade de Uberlândia. Assim, o projeto social terá que partir da sociedade, “de baixo para cima”, tendo como condição básica o desejo promover os indivíduos excluídos pela própria sociedade.

Considerações finais

Estava no centro da cidade (Uberlândia) no dia 19/10/2001 numa sexta-feira. O relógio da matriz marcava exatamente 12:15 horas. A movimentação era intensa com um grande fluxo de carros, coletivos e passantes e correndo contra o tempo para garantir alguns minutos a mais no horário de almoço.

Encontrava-me no ponto de ônibus da praça Tubal Vilela observando um pedinte na calçada oposta a que me encontrava. Em seu ponto de mendicância, ele, um senhor de mais ou menos 50 anos, maltrapilho, magro, negro e deficiente físico, estendia a mão aos passantes dizendo: “uma esmola por caridade”. De repente, ele levantou-se andou, atravessou a rua e permaneceu parado na porta de uma lanchonete onde havia vários fregueses. Depois de um curto espaço de tempo, o pedinte sentou-se na porta da lanchonete e abaixou a cabeça. Quase que imediatamente, surgiu do interior do estabelecimento um homem e exigiu com certa intolerância que o pedinte se retirasse ameaçando-o à agredi-lo ou chamar a polícia. Com certa dificuldade, o senhor levantou-se e a passos lentos afastou-se do local.

Esperei alguns minutos até que o cenário e o movimento voltassem à “calmaria”. Aproximei-me da lanchonete e como o mendigo, depois de um certo tempo sentei-me bem mais próximo da entrada do estabelecimento e abaixei a cabeça. O mesmo homem veio até mim perguntando-me se eu estava passando mal, se queria um copo d’água chamou-me para dentro da lanchonete de forma solícita.

As diferenças entre eu e o pedinte eram visíveis: eu estava apresentável, limpa, saudável e provavelmente estava passando mal e por isso o homem muito gentil ofereceu-se para auxiliar-me. Afinal de contas, quem garante que aquele mendigo não estivesse passando mal de verdade? É esse o tratamento destinado àqueles que estão excluídos da participação do modelo ideal da sociedade. São esses

figurantes, espectros da miséria, ignorados sociais, os protagonistas desse trabalho de monografia. Nos atentarmos para os desejos, sonhos, esperanças e tristezas dessas pessoas significa dar atenção e voz para um lado oculto, obscuro, que não se manifesta, amuados pela falta de oportunidade de pronunciamento. E quando deixamos que falem um mínimo, abre-se no leque documental, a fonte oral e uma infinidade de causas, fatores, conseqüências, frustrações, esperanças e contradições que cabe ao pesquisador levar em consideração.

Fontes e Bibliografia

1 – FONTES

1.1 – Periódicos

Correio de Uberlândia, Uberlândia: 05/12/01.

Revista veja, Quero ser ela: O Sonho nos arredores da Br-153 é um dia virar a rica Uberlândia. São Paulo: Ano 33, número 1, 05/01/2000.

1.2 – Folhetos

AME (Aliança Municipal Espírita de Uberlândia). Campanha de Divulgação do Espiritismo.

Mensagens Espíritas (retiradas de livros Espíritas)

1.3 – Panfletos

Da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Campanha “ESMOLA NÃO ALIMENTA. VICIA.

NÃO DÊ ESMOLA”.

1.4 – Fontes Orais

Entrevistas recolhidas ao longo da pesquisa de campo, no período de 2000-2002.

1.5 – Letra de Música

Disponível em: <http://www.skank.com.br/r-d-c-esmola.htm>. Acessado em: 08/04/02.

1.6 – Fotos

Disponível na pesquisa da Secretaria de Ação Social e Bem-estar do Estado de São Paulo, organizado no livro: População de Rua: Quem é, Como Vive, Como é vista.

2 – BIBLIOGRAFIA

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. S P: Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Indústria e Urbanização (São Paulo: Final do Século XIX e início do século XX). In: História & Perspectivas, Uberlândia (11): Jul/Dez. 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O Que é Ideologia. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

_____. Cultura e Democracia: O Discurso Competente e Outras Falas. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

Dicionário de Sociologia, Editora Globo, Porto Alegre, 1977 7ª edição.

DONZELOT, Jaques. A polícia das famílias. Trad. R J: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: História da Violência nas prisões. Tradução: Lygia M. Ponde Vassalo, Petrópolis: Vozes, 1977.

GOFFMAN, Erving. Estigma. São Paulo: Ed. Guanabara. 1963.

KALOUSTIAN, Sílvia Monoug (Org.). Família Brasileira, a base de tudo. Brasília, DF: UNICEF, 1997.

KARDEC, Allan. O Livro dos espíritos. Tradução de J. Herculano Pires, São Paulo: Ed. Lake, 1993.

_____. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Ed. Petit 1997 tradução de Renata Barbosa da Silva e Simone T. Nakamura Bele da Silva. SP.

MACHADO, Maria Clara T. A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980). Dissertação de Mestrado/USP, 1990.

MARTINS, Celso. Compilador, Autores Diversos. O Espiritismo e os Problemas da Humanidade, 2ª Edição 1993, Ed. EME. Capivari – SP, p.13-15.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. São Paulo: Ed. Abril Cultura, 1984.

PEGORARO, José. Migração: Fato Político. In: Migrantes: Êxodo Forçado. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, Edições Paulinas, 1980.

REIS, Eliane Campos. Apenas de Passagem: O Migrante Sob a Mira das Práticas Assistenciais do Albergue Noturno Ramatís, Uberlândia 1965/1980. Defesa de Monografia/UFU, 2000.

SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena. RJ: Paz e Terra. 1978.

SARTI, Cynthia Andersen. A Família Como Espelho: Um Estudo Sobre a Moral dos Pobres. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1996.

SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL E BEM-ESTAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. (Org.) População de Rua: Que é, Com Vive, Como é vista. São Paulo:Ed. Hucitec, 1994.

SOUZA, Aparecida Darc. Capitães do Asflato: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia (1985-95) Dissertação de Mestrado, São Paulo.

SPOSATI, Aldaíza. Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo. São Paulo: Ed. Educ, 1996.

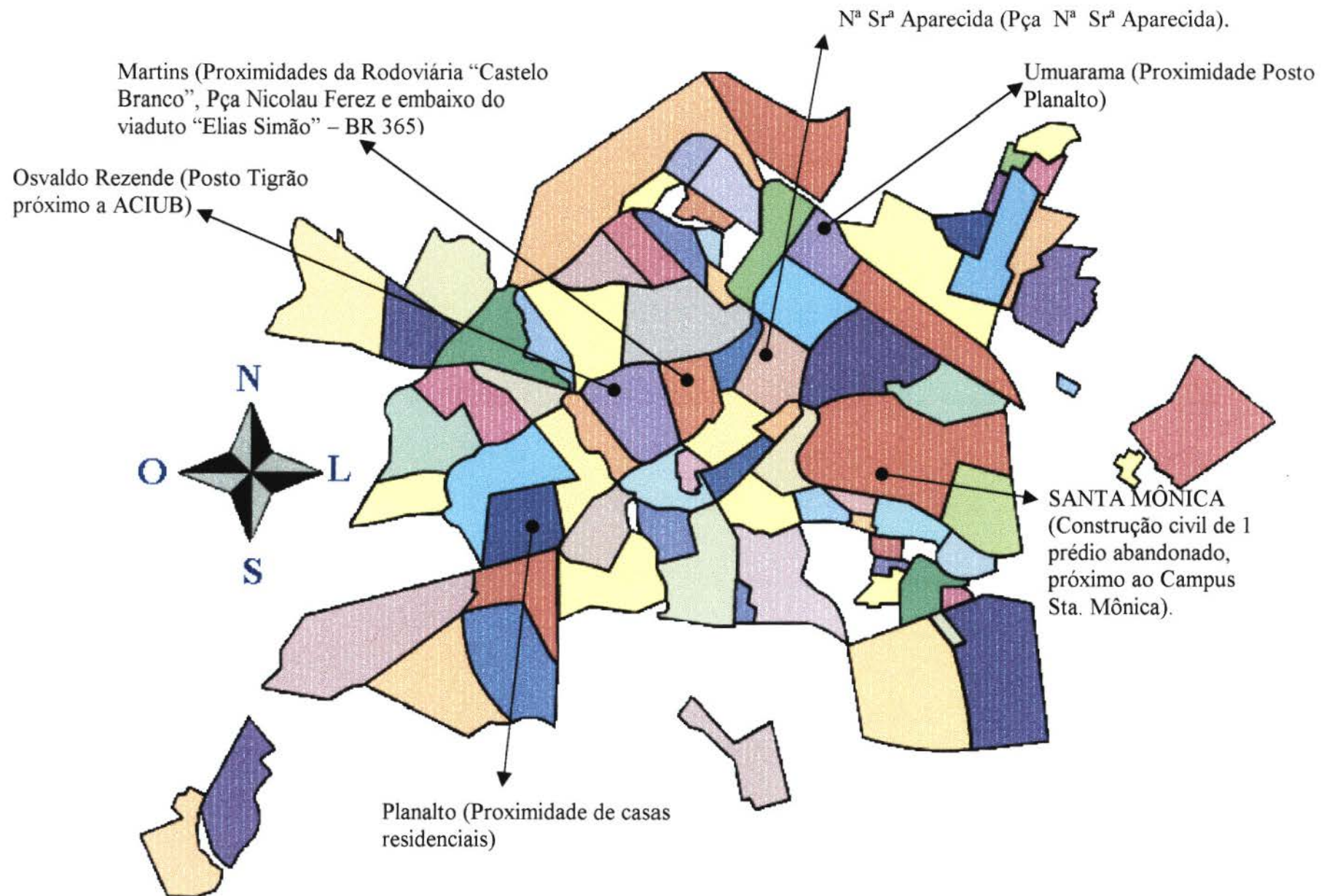
STOFFELS, Marie-Ghislaine. Os Mendigos da Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.

VELHO, G. A utopia urbana. Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ZALUAR, Alba. A máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. SP: Brasiliense, 1985.

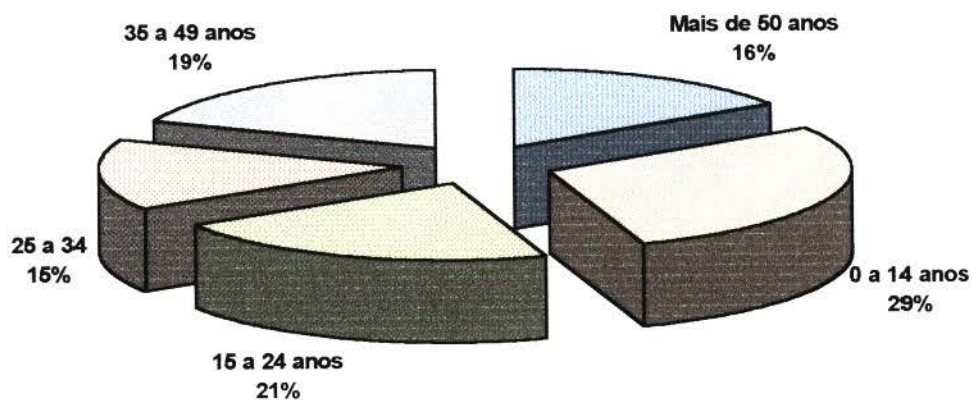
Anexos

ANEXO I

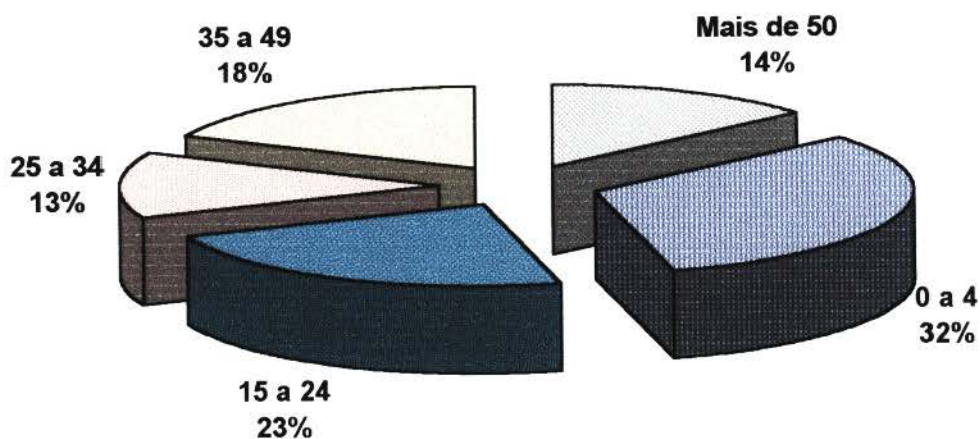


ANEXOS II

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POBRE POR FAIXA ETÁRIA



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO INDIGENTE POR FAIXA ETÁRIA



Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 5/12/01.

ANEXO III

Conheça o
ESPIRITISMO,
UMA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE

JESUS,
O GUIA E MODELO

KARDEC,
A BASE FUNDAMENTAL



- O LIVRO DOS ESPÍRITOS
- O LIVRO DOS MÉDIUNS
- O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
- O CÉU E O INFERNO
- A GÊNESE



Federação Espírita Brasileira
Conselho Federativo Nacional



Aliança Municipal Espírita de Uberlândia
Sede do Conselho Regional Espírita Zona Norte do Triângulo Mineiro

CAMPANHA DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

Folheto explicativo distribuído
pela AME.

ANEXO IV

Oração

Pai de infinito amor e infinita bondade. Elevamos o nosso pensamento a ti para vos agradecer a oportunidade de estarmos aqui reunidos para o trabalho no bem. Rogamos a vós, ao Cristo e aos bons amigos da espiritualidade que nos dêem forças para que possamos realizar o trabalho com amor no coração levando para aqueles irmãos necessitados que estão nas ruas muito mais do que o pão com chá, que possamos doar o que há de melhor em nós: atenção, carinho, uma palavra de conforto

Que a paz do senhor possa reinar em nossas corações e que possamos espalhá-la à todos os lugares que estiveres.

Que assim seja.

Pai nosso que estais no céu Santificado seja o vosso nome, venha a nós vosso Reino seja feita a vossa vontade aqui na terra como no céu. O pão da mente e do corpo dai-nos hoje, perdoai as nossas dívidas à medida que perdoarmos os nossos devedores e não nos deixeis cair nos erros das nossas próprias inferioridades, mais livrai-nos da prática de todo mal.

Que assim seja.

(Oração Proferida por membro do Grupo do Chá)

ANEXO V

CARIDADE ESQUECIDA

O Evangelho Segundo o Espiritismo Cap. XIII - 14

Pratique a beneficência ao irmão carente, mas não se esqueça da solidariedade aos companheiros do grupo de auxílio.

Campanha do agasalho.
Companheiro ríspido.
Doação negada.
Entendimento é caridade.

*

Sala de costura.
Trabalho em conjunto.
Companheira inexperiente.
Paciência é caridade.

*

Cozinha da Assistência.
Companheira no fogão.
Conduta infeliz.
Tolerância é caridade.

*

Visita domiciliar.
Companheiro distraído.
Desvio no trajeto.
Calma é caridade.

*

Reunião de companheiros.
Discussão acesa.
Frase impensada.
Perdão é caridade.

*

Serviço de atendimento.
Socorro aos necessitados.
Companheiro afoito.
Compreensão é caridade.

É louvável que você se junte aos companheiros para fazer o bem ao próximo.
Entretanto, nesses grupos, a prática da indulgência, uns com os outros, é quase sempre a caridade esquecida.

ANDRÉ LUIZ

(Página psicografada por Antônio Baduy Filho, no Culto do Evangelho do Sanatório Espírita José Dias Machado, na manhã do dia 11-07-99, em Ituiutaba-MG)

Fonte: Mensagem para meditação, distribuída no Centro Espírita: Fé, Esperança e Caridade.



EXCESSO

"Pois que aproveitaria ao homem ganhar o mundo todo e perder a sua alma?" - JESUS (Marcos, 8:36)

Enquanto a criatura permanecer no corpo terrestre, é natural que se preocupe com o problema da própria manutenção.

Vigilância não exclui previdência.

Mas não podemos olvidar que o apego ao supérfluo será sempre introdução à loucura.

Tudo aquilo que o homem ajunta abusivamente, no campo exterior, é motivo para aflição ou inutilidade.

Patrimônios físicos sem proveito, isca de sombra atraindo inveja e discórdia.

Alimentos guardados, valores a caminho da podridão.

Roupa em desuso, asilo de traças.

Demasiados recursos amoadados, tentações para os descendentes.

Todo excesso é parede mental isolando

Fonte: Mensagem para meditação, distribuída no Centro Espírita: Fé, Esperança e Caridade.



Moeda e Vida

Não acuses a moeda, responsabilizando-a por essa ou aquela calamidade do mundo.
O dinheiro em si é alimento da ação e alavanca do progresso.

Observemos.

O amor edifica o lar. O lar, no entanto, se mantém à custa de trabalho e na base do trabalho encontramos o dinheiro que o sustenta.

A cultura estabelece a universidade. A universidade, porém, não prevalece sem o ministério da instrução e, na garantia do ministério da instrução, permanece o dinheiro alentando os professores e aparelhando os alunos na aquisição do ensino.

A ciência cria o medicamento. O dinheiro apóia o laboratório que o fabrica.

A caridade inspira a beneficência. O dinheiro garante o curso das boas obras.

A inteligência planifica. O trabalho realiza com o dinheiro a estimular-lhe os movimentos.

Com a moeda se organiza a civilização, eleva-se o grupo social, educa-se a família e aperfeiçoa-se a individualidade.

Do mau emprego de semelhante energia é que surge o desastre, porquanto, qual se há repetido, muitas vezes, o dinheiro pode ser comparado à força elétrica que suscita prodígios com a orientação dos homens de bom senso e fulmina os que se mostrem levianos ou insensatos.

EMMANUEL

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Distribuição: Centro Espírita "PENSAMENTO E VIDA"

Fonte: Mensagem para meditação, distribuída no
Centro Espírita: Fé, Esperança e Caridade.